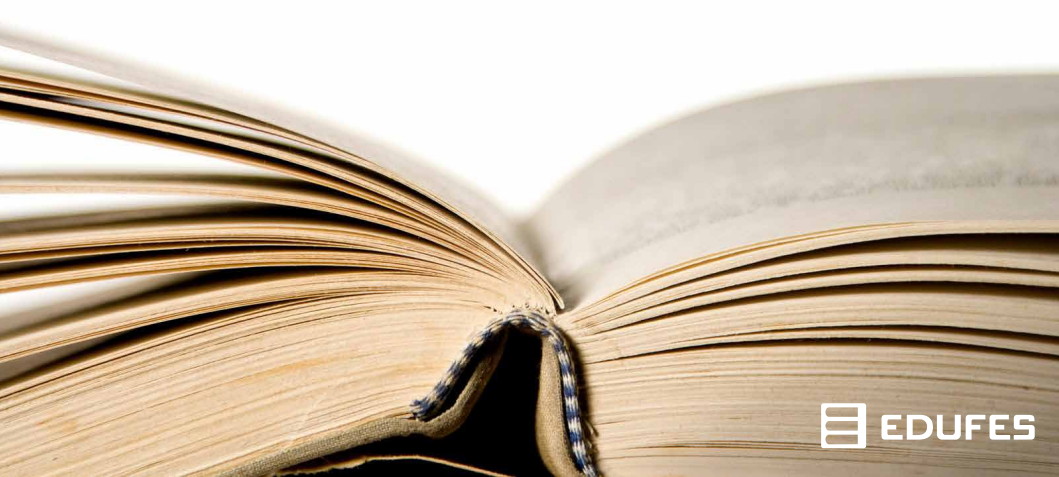


Maria Mirtis Caser
Santinho Ferreira de Souza

Por que é importante ler literatura
Por qué es importante leer literatura

LEER
& fazer



Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (Edufes)
Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Edna Parra Cândido, Janayna Bertollo Coser Casotti, Jorge Luiz do Nascimento, Karen Currie, Lillian Virginia DePaula, Lucia Helena Maroto, Lucia Helena Peyroton da Rocha, Maria José Angeli de Paula, Mariza Silva de Moraes e Stelamares Coser

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Traducción al español | Elizabeth Duarte Leal Galante, Maria Mirtis Caser Sanderlei e Rivana Zoche By Laraydt

Revisão de Texto | Pablo Nicolas Herber (espanhol) e Sanderlei Firmino Vieira (português)

Projeto Gráfico e Capa | Anaise Perrone

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P837 Por que é importante ler literatura [recurso eletrônico] = Por qué es importante leer literatura / Maria Mirtis Caser, Santinho Ferreira de Souza [orgs.]. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.
147 p.

Abaixo do título: RELer & fazer.
Título e texto em português e espanhol.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-271-6

Modo de acesso:
<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=-1&null=&offset=0>

1. Incentivo à leitura. 2. Literatura. I. Caser, Maria Mirtis, 1949-. II. Souza, Santinho Ferreira de.

Maria Mirtis Caser
Santinho Ferreira de Souza

Por que é importante ler literatura
Por qué es importante leer literatura

RELER
& fazer


EDUFES
Vitória, 2015

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	06
PRESENTACIÓN	09
PRESENTACIÓN DE <i>RELer e fazer</i> EN ESPAÑOL.....	12
APRESENTAÇÃO DE <i>RELer e fazer</i> EM ESPANHOL	15
POR QUE LER LITERATURA	18
POR QUÉ LEER LITERATURA	20
Alzinete Maria Rocon Biancardi	
POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA	22
POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA	26
Cesário Alvim Pereira Filho	
LER E PENSAR.....	30
LEER Y PENSAR.....	32
Eliana Yunes	
POR QUE LER LITERATURA É IMPORTANTE	34
POR QUÉ LEER LITERATURA ES IMPORTANTE	37
Ester Abreu Vieira de Oliveira	
POR QUE LER LITERATURA?	40
¿POR QUÉ LEER LITERATURA?.....	42
Fabiola Padilha	
POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA?.....	44
¿POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA?.....	47
Francisco Gregório Filho	
POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA?.....	50
¿POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA?.....	53
Joana d'Arc Batista Herkenhoff	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	56
LA IMPORTANCIA DE LA LECTURA	59
Júlio Cesar Carlos Souza	
A LITERATURA E SEUS ENCONTROS SURPREENDENTES	62
LA LITERATURA Y SUS ENCUENTROS SORPREENDENTES.....	65
Kamila Brumatti Bergamini	
AS PISTAS DA POESIA.....	68
LAS PISTAS DE LA POESÍA	70
Lucelena Ferreira	

LER PARA NÃO MORRER.....	72
LEER PARA NO MORIR.....	75
Marta Morais da Costa	
EDWARD MORGAN FORSTER, <i>MAURICE</i> E UMA PONDERAÇÃO	78
EDWARD MORGAN FORSTER, <i>MAURICE</i> Y UNA PONDERACIÓN.....	82
Paulo Roberto Sodré	
COM A PALAVRA, O ALUNO – O JOVEM E A LEITURA.....	86
CON LA PALABRA, EL ALUMNO – EL JOVEN Y LA LECTURA.....	88
Ricardo André da Costa	
POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA	90
POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA	92
Santinho Ferreira de Souza	
“SE O RIM PARAR DE FUNCIONAR, SE O FÍGADO PARAR, ENFIM...” OU	
POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA... E OUTRAS LINGUAGENS... 94	
“SI LOS RIÑONES PARAN DE FUNCIONAR SI EL HÍGADO PARA, AL FIN ...” O	
POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA Y OTROS LENGUAJES 97	
Sérgio Rivero	
UM TEXTO QUE ME FALA	100
UN TEXTO QUE ME HABLA	103
Silvana Pinheiro	
POR QUE LER LITERATURA É IMPORTANTE	106
POR QUÉ LEER LITERATURA ES IMPORTANTE.....	109
Sylvia Maria Trusen	
LITERATURA E TECNOLOGIA	
POR QUE NÃO LER SE EU POSSO LER?.....	112
LITERATURA Y TECNOLOGIA	
¿POR QUÉ NO LEER SI PUEDO LEER?	115
Sueda Silva Toscano	
VIVENDO E REESCREVENDO	118
VIVIENDO Y REESCRIBIENDO.....	122
Thatty de Aguiar Castello Branco	
POR QUE LER LITERATURA É IMPORTANTE?.....	126
¿POR QUÉ LEER LITERATURA ES IMPORTANTE?.....	130
Valéria Pereira	
EIS: MIL PERSONAGENS À PROCURA DE UM LEITOR.....	134
HE AQUÍ: MIL PERSONAJES EN BUSCA DE UN LECTOR	137
Wilberth Salgueiro	
RELEer&fazer – Rede de Experiências em Leitura.....	140
Objetivos	
Conjunto de Ações	
RELEer&fazer – Red de Experiencias en Lectura	143
Objetivos	
Conjunto de acciones	

Apresentação¹

Quem lê se abre a novas ideias,
avalia as próprias e cria outros
modos de ver, novas maneiras de
entender a si mesmo e ao mundo.

Eliana Yunes

Não é novidade que a leitura como exercício contínuo e permanente vem sendo reclamada como fundamental e indispensável à organização de relações mais justas e próprias no escopo da sociedade (contemporânea). Leitura, evidentemente, com o sentido bem amplo de querer e poder ler a geografia e a história da cidade, a política que alicerça as decisões dos poderes, ler as artes, a literatura, os documentos oficiais, ler as paisagens, as roupas que as pessoas vestem, o circular dos passantes e transeuntes no campo e na cidade. Leitura como capacidade do ser humano de atribuir sentido aos fatos, de escolher e de decidir diante dos fatos, de pensar e de interagir com aqueles com os quais mantém contato.

¹ É o que consta do documento-base de referência da *RELER&fazer – Rede de Experiências em Leitura*. Está estruturada sob a forma de **Conjuntos de Ações** e de um núcleo para registro e divulgação dos resultados alcançados – **NID/RELER&fazer – Núcleo de Informações e Divulgação** – e tem suas ações coordenadas e supervisionadas por uma **Coordenação Geral** e por um **Grupo Coordenador de Implementação da RELER&fazer**.

Leitura na perspectiva de o homem poder impor um olhar sobre si mesmo e sobre o outro e inserir-se historicamente no mundo e contribuir na construção de uma sociedade cada vez menos limitada e escravizada, para fazer-se cada vez mais humana.

[...] Não há dúvida de que as iniciativas institucionais ou localizadas, em movimentos constantes em favor do exercício da leitura, continuam a se fazer presentes em vários ambientes e espaços públicos e privados. Por um outro viés de análise, no entanto, é justo e necessário ressaltar que as discussões e decisões consignadas, anos atrás, já apontavam para a importância da adoção de procedimentos avaliativos permanentes, a fim de que se tomassem decisões mais seguras neste movimento educador para a leitura. Pelos registros que se têm, faz-se necessário aprofundamento de análise dos resultados, tanto no sentido de fortalecer as iniciativas e as ações levadas a efeito ou de formar outros grupos de disseminação das práticas da leitura, ou ainda de articular parceiros cientes da imprescindibilidade do exercício da leitura na humanização do homem, quanto na perspectiva de promover condições de produção de material de referência que venha a alicerçar de forma qualitativa as propostas de trabalho na área em questão. Um segundo aspecto para destaque é que a prática da leitura se conduza pela experiência e espelhamento na sociedade e com fulcro na formação do indivíduo-cidadão, nos diversos espaços sociais, e na busca do fortalecimento, ampliação e extensão das iniciativas regionais e de esforço próprio, quer pelo trabalho de formação em curso nas escolas e universidades, quer pelas incursões em presídios, em asilos, em centros de recuperação, em hospitais, em igrejas, em praças públicas.

[...] A *RELER&fazer – Rede de Experiências em Leitura* é um **Programa de Extensão**, localizado no **Departamento de**

Línguas e Letras/CCHN/Ufes, e tem como propósito identificar, valorizar, incentivar e estimular o interesse pela leitura, em todos os seus aspectos e orientações, no âmbito do estado do Espírito Santo, na perspectiva de desenvolver, de forma estável, contínua e permanente as iniciativas e as ações favoráveis à formação de uma sociedade leitora.

Dentre suas atribuições de alcance nacional e internacional está a de fortalecer o plano de ação da **Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio**, instituída pela Unesco aos 15 de agosto de 2006.

Santinho Ferreira de Souza

Presentación¹

Quien lee se abre a nuevas ideas,
evalúa las propias ideas y crea otros
modos de ver, nuevas maneras de
entender a sí mismo y al mundo.

Eliana Yunes

No es novedad que la lectura como ejercicio continuo y permanente ha sido demandada como fundamental e indispensable a la organización de relaciones más justas y adecuadas en el escopo de la sociedad (contemporánea). Lectura, evidentemente, con el sentido amplio de querer y poder leer la geografía y la historia de la ciudad, la política que cimienta las decisiones de los poderes, leer las artes, la literatura, los documentos oficiales, leer los paisajes, la ropa que llevan las personas, el ir y venir de los pasantes y transeúntes en el campo y en la ciudad. Lectura como capacidad del ser humano de atribuir sentido a los hechos, de escoger y de decidir ante los hechos, de pensar y de interactuar con quienes mantiene

¹ Es lo que consta del documento-base de referencia de *RELEr&fazer – Rede de Experiências em Leitura*. Está estructurada bajo la forma de Conjuntos de Ações y de un núcleo para registro y divulgación de los resultados obtenidos – NID/RELEr&fazer – Núcleo de Informações e Divulgação – y tiene sus acciones coordinadas y supervisadas por una Coordenação Geral y por un Grupo Coordenador de Implementação de RELEr&fazer.

contacto. Lectura en la perspectiva de que pueda el hombre imponer una mirada sobre sí mismo y sobre el otro, insertarse históricamente en el mundo y contribuir para la construcción de una sociedad cada vez menos limitada y subyugada, para hacerse cada vez más humana.

[...] No hay duda de que las iniciativas institucionales o localizadas, en movimientos constantes en favor del ejercicio de la lectura, siguen presentes en varios ambientes y espacios públicos y privados. Por otro sesgo de análisis, sin embargo, es justo y necesario señalar que las discusiones y decisiones consignadas, hace años, ya indicaban la importancia de adoptarse procedimientos evaluativos permanentes, para que se tomaran decisiones más seguras en este movimiento educador para la lectura. Por los registros que hay, hace falta una profundización del análisis de los resultados, tanto en el sentido de fortalecerse las iniciativas y las acciones llevadas a cabo, o de formarse otros grupos de diseminación de las prácticas de la lectura o incluso de articular aparceros escientes de la imprescindibilidad del ejercicio de la lectura en la humanización del hombre, como en la perspectiva de promover condiciones de producción de material de referencia que funda de forma cualitativa las propuestas de trabajo en el área en cuestión. Un segundo aspecto que hay que señalar es que la práctica de la lectura se debe conducir por la experiencia y reflejo en la sociedad, con fulcro en la formación del individuo-ciudadano, en los diversos espacios sociales, y en la búsqueda del fortalecimiento, ampliación y extensión de las iniciativas regionales y de esfuerzo propio, sea por el trabajo de formación en curso en las escuelas y universidades, sea por las incursiones en las cárceles, en asilos, en centros de recuperación, en hospitales, en iglesias, en plazas públicas.

[...] A *RELE* *er* *ç* *fa* *zer* – *Rede de Experiências em Leitura* es un Programa de Extensão, localizado en el Departamento de Línguas e Letras/CCHN/Ufes, y tiene como blanco identificar, valorar, incentivar y estimular el interés por la lectura, en todos sus aspectos y orientaciones, en nivel del Estado do Espírito Santo, en la perspectiva de desarrollar, de forma estable, continua y permanente, las iniciativas y las acciones favorables a la formación de una sociedad lectora.

Entre sus atribuciones de alcance nacional e internacional está la de fortalecer el plan de acción de la Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, instituida por la Unesco el 15 de agosto de 2006.

Santinho Ferreira de Souza

Presentación de *RELer&fazer* en Español

Iniciamos este trabajo de traducción de los textos aquí reunidos con el reto de divulgar entre los hablantes de español la producción llevada a cabo por profesores, estudiantes y otros investigadores que, bajo el título *RELer&fazer – Rede de Experiências em Leitura*, realizaron una actividad idealizada y puesta en marcha por el profesor Santinho Ferreira. Como Proyecto de Extensión, cuya finalidad precípua es “identificar, valorar, incentivar y estimular el interés por la lectura, en todos sus aspectos y orientaciones”, el trabajo se desarrolló, en el Estado de Espírito Santo, con la perspectiva de “desplegar, de forma estable, continua y permanente, las iniciativas y las acciones favorables a la formación de una sociedad lectora”. La traducción se hizo también como trabajo de Extensión Universitaria, con la participación de estudiantes de la Licenciatura y supervisión del profesor de español.

La observación de José Paulo Paes (1990) de que Mallarmé habla de la angustia del poeta ante el infinito de la página en blanco, pero que no se habla mucho de la angustia del traductor ante el infinito de la página impresa, puede dar una idea de las dificultades que encontramos para llevar a cabo la tarea asumida con el proyecto Reler en español. ¿Cómo

trabajar con ideas, sentimientos y estructuras lingüísticas de otro, asumiéndolas como nuestras, y facilitarlas a un lector que no domina la lengua en que el texto fue escrito originalmente, o la lengua de la versión que se consulta?

La pesadilla de la traición traductora es ineludible y aunque estemos expuestos a incontables textos traducidos que nos permiten el acceso a culturas, a costumbres, a sueños, a maneras de pensar, a la vida, en fin, de los pueblos cuya lengua no dominamos, sentimos ordinariamente la necesidad de justificar esa actividad. Creemos que la traducción es una actividad que acompaña al ser humano en todas sus acciones, que todo el tiempo traducimos lo que está a nuestro alrededor. Octavio Paz defiende esa idea, cuando dice que “(a)prender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o de aquella palabra, lo que realmente le pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido”. Tenemos que traducir todo el tiempo porque en algún momento nos suena extraño algo que se nos presenta.

La idea la corrobora Mária Averbach, autora argentina de diversas obras ficcionales y ensayísticas, que, en charla impartida en nuestra Universidad, en el I Encontro Tradução e Ensino, en 2007, hablaba de omnipresencia de la traducción, ejemplificada por la experiencia que vivió en la aldea guaraní de Aracruz, ubicada a unos 80 km de Vitoria, donde, al lado de hablantes de diferentes lenguas - guaraní, español, inglés y portugués - pudo participar de una actividad de traducción no sólo de las lenguas allí habladas, sino más bien de posturas, sensaciones y sentimientos entre los diferentes grupos y la necesidad de que se tradujeran sin fracturas las experiencias de cada uno.

Teniendo en cuenta esas ideas empezamos el trabajo de traducción. Cada uno de los 20 textos aquí expuestos fue leído

y traducido por los estudiantes y revisado por el profesor y es el resultado de esa tarea que presentamos. La compilación está formada de textos que giran alrededor de la literatura y de los elementos que plasman el conjunto del texto literario. Un panorama, en fin, de la manera cómo se ven afectados por la ficción los que se dedican a los estudios literarios.

Maria Mirtis Caser

Apresentação de *RELer&fazer* em Espanhol

Iniciamos este trabalho de tradução dos textos aqui reunidos com o objetivo de divulgar entre os falantes de espanhol a produção levada a termo por professores, estudantes e outros pesquisadores que, sob o título *RELer&fazer – Rede de Experiências em Leitura*, realizaram uma atividade idealizada e posta em curso pelo professor Santinho Ferreira. Como Projeto de Extensão, cuja finalidade precípua é “identificar, valorizar, incentivar e estimular o interesse pela leitura, em todos seus aspectos e orientações”, o trabalho se realizou na perspectiva de “desenvolver, de forma estável e permanente, as iniciativas e as ações favoráveis à formação de uma sociedade leitora”. A tradução se fez também como trabalho de Extensão Universitária, com a participação de estudantes de Licenciatura em Espanhol e supervisão docente.

A observação de José Paulo Paes (1990) de que Mallarmé fala da angústia do poeta diante do infinito da página em branco, ainda que não se fale muito da angústia do tradutor diante do infinito da página impressa, pode dar uma ideia das dificuldades que encontramos para levar a cabo a tarefa assumida com o projeto Reler em espanhol. Como trabalhar com ideias, sentimentos e estruturas linguísticas de outro,

assumindo-as como nossas, e fazê-las chegar a um leitor que não domina a língua em que o texto foi escrito originalmente ou a língua da versão que se consulta?

O pesadelo da traição tradutora é iniludível e, ainda que estejamos expostos a incontáveis textos traduzidos que nos permitem o acesso a culturas, a costumes, a sonhos, a maneiras de pensar, à vida, enfim, dos povos cuja língua não dominamos, sentimos naturalmente a necessidade de justificar a realização dessa atividade. Cremos que a tradução é uma atividade que acompanha o humano em todas as suas ações, que todo o tempo traduzimos o que está em nosso redor. Octavio Paz defende essa ideia, quando diz que “(a)prender a falar é aprender a traduzir; quando o menino pergunta à sua mãe pelo significado dessa ou de outra palavra, o que realmente pede é que traduza para sua língua de uso o termo desconhecido”. Temos que traduzir todo o tempo, porque em algum momento nos soa estranho algo que se nos apresenta.

A ideia é corroborada por Mária Averbach, autora argentina de diversas obras de ficção e ensaísticas, que, em palestra ministrada em nossa Universidade, durante o I Encontro de Tradução e Ensino, em 2007, falava da onipresença da tradução, exemplificada pela experiência que viveu na Aldeia Guarani, em Aracruz, localizada aproximadamente a 80 km de Vitória, onde, ao lado de habitantes de diferentes línguas – guarani, espanhol, inglês e português –, pôde participar de uma atividade de tradução não só das línguas ali faladas mas também de posturas, sensações e sentimentos entre os diferentes grupos e a necessidade de que se traduzissem sem prejuízo de sentido as experiências de cada um.

Tendo em conta essas ideias, empreendemos o trabalho de tradução. Cada um dos 20 textos aqui expostos foi lido e traduzido por estudantes e revisado pelo professor, e este é

o resultado que apresentamos. A compilação se faz de textos com o mesmo tema, a literatura e cada um dos elementos que formam o conjunto do texto literário. Um panorama, enfim, da maneira como se veem envolvidos pela ficção os que se dedicam aos estudos literários.

Maria Mirtis Caser

POR QUE LER LITERATURA

Alzinete Maria Rocon Biancardi

Ler, sonhar, navegar
Mergulhar em letras e pontos
Viajando em mundos e sentimentos
Histórias alheias que às vezes são tão nossas...
(Cristiane Soares)

De cultura para cultura, de época para época, tanto a função da leitura como a maneira de ler literatura vai se transformando. Na história da humanidade, desde muito antes da invenção da imprensa, desde a antiguidade clássica, os textos literários, passados oralmente de geração a geração, ou manuscritos, serviram a diversos fins e foram utilizados de diversas maneiras. Apesar das incríveis ameaças de destruição, esses textos sobreviveram e hoje formam uma corrente de construção e circulação de sentidos e interpretações do mundo pela palavra que atravessa os milênios.

Nessa direção, assumo, com Carvalho e Mendonça e outros (2006), a posição de que, em nossa cultura, lemos literatura para aprender, para nos informar, para saber de onde viemos, para saber quem somos, para escapar da solidão, para

conhecer melhor os outros, para saber para onde vamos, para preservar as tradições, para esclarecer nosso presente, para aproveitar experiências anteriores, para ganhar tempo, para se ter espaço de criação, para buscar um sentido para a vida, para alimentar nossa curiosidade e imaginação, para nos divertir, para vivenciar emoções alheias ao nosso cotidiano, para nos cultivar, para exercer o nosso espírito crítico, para usufruir um prazer estético com a linguagem, para apreciar contradições, semelhanças e diferenças, para produzir inovações. Enfim, para participar do processo de diálogo com diferentes culturas e gerar, continuamente, renovação no movimento da nossa vida, criando e recriando novas formas de compreender o mundo e o papel, o lugar que temos nele.

Para finalizar, quero lembrar que não há como ignorar a importância da literatura na vida cultural dos brasileiros. Como educadores devemos, cada vez mais, procurar conhecê-la e integrá-la de maneira inteligente e produtiva na vida da sociedade brasileira, contribuindo para que esta se torne leitora crítica, ou seja, tenha possibilidade de não ficar enredada na concepção de mundo dos outros, e por esta ser manipulada, pois a grande diversidade de matizes narrativos e a imensa variedade de gêneros e temas das publicações literárias é uma riqueza que, sem dúvida, atende às necessidades de um público que tem gostos, interesses e demandas diferentes e que precisa ser convidado para a leitura da palavra presente no universo cultural de expressões variadas, como: materiais escritos, televisão, vídeo, cinema, computador, internet.

Referências

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

POR QUÉ LEER LITERATURA

Alzinete Maria Rocon Biancardi

Leer, soñar, navegar
Sumergir en letras y puntos
Viajando en mundos y sentimientos
Historias ajenas que a veces son tan nuestras...

(Cristiane Soares)

De cultura para cultura, de época para época, tanto la función de la lectura como la manera de leer literatura se va transformando. En la historia de la humanidad, desde mucho antes de la invención de la imprenta, desde la antigüedad clásica, los textos literarios, pasados oralmente de generación a generación o manuscritos, sirvieron a diversos fines y fueron utilizados de maneras diferentes. A pesar de las increíbles amenazas de destrucción, esos textos sobrevivieron y hoy forman una corriente de construcción y circulación de sentidos e interpretaciones del mundo por la palabra que traspasa los milenios.

En esa dirección, asumo con Carvalho y Mendonça et al. (2006), la posición de que en nuestra cultura leemos literatura para

aprender, para informarnos, para saber de dónde vinimos, para saber quiénes somos, para escapar de la soledad, para conocer mejor los otros, para saber adónde vamos, para preservar las tradiciones, para esclarecer nuestro presente, para aprovechar experiencias anteriores, para ganar tiempo, para tener espacio de creación, para buscar el sentido para la vida, para alimentar nuestra curiosidad e imaginación, para divertirnos, para vivenciar emociones ajenas a nuestro cotidiano, para cultivarnos, para ejercer nuestro espíritu crítico, para disfrutar un placer estético con el lenguaje, para apreciar contradicciones, semejanzas y diferencias, para producir innovaciones. En fin, para participar del proceso de diálogo con diferentes culturas y generar, continuamente, renovación en el movimiento de nuestra vida, creando y recreando nuevas formas de comprender el papel y el lugar que tenemos en el mundo.

Para finalizar quiero recordar que no hay cómo ignorar la importancia de la literatura en la vida cultural de los brasileños. Como educadores debemos, cada vez más, buscar conocerla e integrarla de manera inteligente y productiva, en la vida de la sociedad brasileña, contribuyendo para que la misma se haga lectura crítica, o sea, tenga la posibilidad de no quedar enredada en la concepción del mundo de los otros, y por ella ser manipulada, pues la gran diversidad de matices narrativos y la inmensa variedad de géneros y temas de las publicaciones literarias es una riqueza que sin duda atiende las necesidades de un público que tiene gustos, intereses y demandas diferentes y que necesita ser invitado para la lectura de la palabra presente en el universo cultural de expresiones variadas, como materiales escritos, televisión, vídeos, cine, computadora e internet.

Referencias

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA

Cesário Alvim Pereira Filho

Na pintura *Retrato de Baudelaire*, de Courbet, temos dois planos: o primeiro, o plano de fundo da tela, que retrata o livro e o leitor, o segundo plano, que constitui o plano de expressão do quadro, isto é, a representação do ato de ler. Este último, o ato de ler, compõe o objeto de nossa reflexão.

Imaginemos, por um momento, nós, leitores, em lugar de Baudelaire, nós, que dispomos dos mais variados livros à nossa disposição, e pensemos sobre isso.

Menezes (1998, p. 157)¹, em ensaio sobre “O discurso acadêmico no crivo”, discorre sobre a melhor manifestação de respeito para com um autor de um livro, a qual consiste em ler atentamente sua obra. Ao fazer tal asserção, arrola três ações que, segundo ele, compõem o processo de tributo ao autor, que exige as seguintes atitudes por parte do leitor. São elas: primeiro, discutir o autor honestamente; segundo, confrontar com outras ideias e autores; e, por último, resume, enfrentar com seriedade a obra, ação preponderante no ato de leitura.

¹ MENEZES, Eduardo Diathay Bezerra de. *Contrapontos*. São Paulo: Annablume, 1998.

Zilberman, em *Leitura: história e sociedade*², informa-nos que:

Talvez a principal contribuição da tecnologia à delimitação e disseminação do perfil da leitura tenha sido a invenção da imprensa mecânica, no século XV. Essa conferiu ao livro outra configuração material, de que adveio sua maior maleabilidade e acessibilidade. Ele deixou de ser um objeto raro e de difícil utilização, para, aos poucos, pôr-se ao alcance de um maior número de pessoas, pelo menos das que sabiam ler e se dedicavam aos estudos. Determinou também uma mudança fundamental no uso da língua literária, pois incentivou a expansão do vernáculo na literatura. E provocou novas formas de percepção, pois a circulação da linguagem passou a ser mediada cada vez mais pela intervenção da escrita.

Com isto posto, define-se a importância que a leitura tem como prática social, como conjunto de valores que compõem a nossa formação como cidadãos. Sabe-se que ler não é inato ao ser humano, como aponta a autora anteriormente citada. No entanto, o homem tem na leitura um exercício que lhe é inerente para a sua formação como sujeito social e coparticipante dos atos sociais.

Davi Arrigucci Júnior, em entrevista à *Revista E*³, ao falar sobre o escritor argentino Jorge Luis Borges, afirma:

Durante toda a sua vida Borges teve uma relação muito profunda com a leitura. Sua escrita deriva diretamente do ato de ler. Por suposto que isso ocorre com muita frequência, a maioria dos escritores escreve porque lê.

² ZILBERMAN, Regina. *Leitura: história e sociedade*. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p013-017_c.pdf>.

³ Em depoimento à *Revista E* (n.º 95, SESC), o professor de literatura Davi Arrigucci Jr. comenta a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges. Disponível em: <http://www.portradsasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/palavra_perfeita>

Não parece, caro leitor, que a frase de Arrigucci nos conduz à reflexão sobre o ato de ler? O que você opina?

A pouca leitura deixa de proporcionar o espaço para uma discussão proveitosa, tanto na fala quanto na escrita. Parece ser que a concepção de leitura de obras literárias se reserva tão somente às pouquíssimas leituras feitas em sala de aula, em que o leitor compreende leitura como somente o espaço da sala de aula. Desta forma, o leitor descarta o texto literário como componente primordial e preponderante para a sua formação pessoal, profissional e acadêmica.

A falta, por parte do leitor, de um maior contato com o texto literário não permite um constante aprofundamento e a garantia de uma sólida formação cultural. Daí a existência de leitores fragilizados, porque ler é, acima de tudo, prazer e conhecimento.

Ler propicia ao leitor um maior contato com a sua cultura e a cultura de outros povos. Em síntese, a base de uma sólida formação reside no ato de ler. A esse respeito, cito, para a formação do leitor, o nosso querido escritor José de Alencar⁴, que nos diz:

Os dois primeiros anos que passei em São Paulo foram para mim de contemplação e recolhimento de espírito. Assistia arredio ao bulício acadêmico, e familiarizava-me de parte com esse viver original, inteiramente desconhecido para mim, que nunca fora pensionista de colégio, nem havia até então deixado o regaço da família. As palestras à mesa do chá, as noites de “cinismo” conversadas até o romper dalva entre a fumaça dos cigarros; as anedotas e aventuras da vida

⁴ ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. Disponível no site Memória da Leitura do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/crono/acervo.html>>.

acadêmica, sempre repetidas; as poesias clássicas da literatura paulistana e as cantigas tradicionais do povo estudante; tudo isso sugava o meu espírito adolescente, como a tenra planta que absorve a linfa, para mais tarde desabrochar a talvez pálida florinha. Depois vinham os discursos recitados nas solenidades escolares, alguma nova poesia de Otaviano; os brindes nos banquetes de estudantes; o aparecimento de alguma obra recentemente publicada na Europa; e outras novidades literárias, que agitavam a rotina do nosso viver habitual e comoviam um instante a colônia acadêmica.

Particularmente, sonho que nossos estudantes, assim como Alencar, descubram os livros, adquiram o hábito de ler, como adquiriram o de surfar, jogar futebol, tão importantes quanto o primeiro; que descubram novos mundos e naveguem não apenas na internet mas também nos livros literários.

POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA

Cesário Alvim Pereira Filho

En la pintura *Retrato de Baudelaire*, de Courbet, tenemos dos planes: el primero, el plan del fondo de la pantalla, que retrata el libro y el lector, el segundo plan, que constituye el plan de expresión del cuadro, es decir, la representación del acto de leer. Este último, el acto de leer, compone el objeto de nuestra reflexión.

Imaginemos, por un momento, nosotros, lectores, en lugar de Baudelaire, nosotros que disponemos de los más variados libros a nuestra disposición, y pensemos sobre eso.

Menezes (1998, p. 157)¹ en ensayo sobre *O discurso acadêmico no crivo* discurre sobre la mejor manifestación de respeto a un autor de un libro, que consiste en leer atentamente su obra. Al hacer tal afirmación, alista tres acciones que, según el, componen el proceso de tributo al autor, que exige las siguientes actitudes por parte del lector. Son ellas: primero, discutir al autor honestamente; segundo, confrontarlo con otras ideas y autores; y, por último, sintetiza, enfrenar con seriedad la obra, acción preponderante en el acto de lectura.

¹ MENEZES, Eduardo Diathay Bezerra de. *Contrapontos*. São Paulo: Annablume, 1998.

Zilberman, en *Leitura: história e sociedade*², nos informa que:

Tal vez la principal contribución de la tecnología a la delimitación y disseminación del perfil de la lectura haya sido la invención de la imprenta mecánica en el siglo XV. Esa otorgó al libro otra configuración material, de que advino su mayor maleabilidad y accesibilidad. El libro dejó de ser un objeto raro y de difícil utilización, para, de a poco, ponerse al alcance de un grupo mayor de personas, por lo menos de las que sabían leer y se dedicaban a estudiar. Determinó aún un cambio fundamental en el uso de la lengua literaria, pues incentivó la expansión del vernáculo en la literatura. Provocó nuevas formas de percepción, pues la circulación del lenguaje pasó a ser mediada cada vez más por la intervención de la escrita.

Con eso, se define la importancia que tiene la lectura como práctica social, como el conjunto de valores que componen nuestra formación como ciudadanos. Sabemos que leer no es innato al ser humano, como dice la autora anteriormente citada. Sin embargo, el hombre tiene en la lectura un ejercicio que es inherente a su formación como sujeto social y co-participante de los actos sociales.

Davi Arrigucci Junior, en entrevista a la *Revista E*³, al hablar sobre el escritor argentino Jorge Luis Borges, afirma:

Durante toda su vida Borges tuvo una relación muy profunda con la lectura. Su escrita deriva directamente del acto de leer. Por supuesto que eso ocurre con mucha frecuencia, la mayoría de los escritores escribe porque lee.

² ZILBERMAN, Regina. *Leitura: história e sociedade*. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p013-017_c.pdf>.

³ Em depoimento à *Revista E* (n.º 95, SESC), o professor de literatura Davi Arrigucci Jr. comenta a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges. Disponível em: <http://www.portradasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/palavra_perfeita>

No crees, caro lector, que la frase de Arrigucci nos conduce a la reflexión sobre el acto de leer? ¿Qué te parece?

La poca lectura deja de proporcionar el espacio para una discusión provechosa, tanto en el habla, cuanto en la escrita. Al parecer, la concepción de lectura de obras literarias se reserva tan sólo a las poquísimas lecturas hechas en la clase, en que el lector comprende la lectura solamente como perteneciente al espacio de clases. De esa forma, el lector descarta el texto literario como componente primordial y preponderante para su formación personal, profesional y académica.

La falta, por parte del lector, de un mayor contacto con el texto literario impide una constante profundización y la garantía de una sólida formación cultural. Por eso la razón de la existencia de lectores fragilizados, porque leer es, sobretudo, placer y conocimiento.

Leer propicia al lector el contacto más grande con su cultura y la cultura de otros pueblos. En resumen, la base de una sólida formación reside en el acto de leer. A ese respecto, cito para la formación del lector a nuestro querido escritor José de Alencar⁴, quien nos dice:

Los dos primeros años que pasé en São Paulo fueron para mí de contemplación y recogimiento de espíritu. Asistía huido al bullicio académico, y me familiarizaba de lejos con ese vivir original, enteramente desconocido para mí, que nunca había sido pensionista de colegio, ni había hasta entonces dejado el regazo de la familia. Las charlas a la mesa del té, las noches de ‘cinismo’ conversadas hasta el romper del alba entre el humo de los cigarros; los

⁴ ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. Disponible en Memória da Leitura do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/crono/acervo.html>>.

chistes y aventuras de la vida académica, siempre repetidos; las poesías clásicas de la lectura paulistana y las cantigas tradicionales del pueblo estudiante. Todo esto sorbía mi espíritu adolescente, como la tierna planta que absorbe la linfa, para más tarde desabrochar la tal vez pálida florcilla. Después venían los discursos recitados en las solemnidades escolares, alguna nueva poesía de Otaviano; los brindis en los banquetes de estudiantes; el apareamiento de alguna obra recientemente publicada en Europa; y otras novedades literarias, que agitaban la rutina de nuestro vivir habitual y conmovían por un instante la colonia académica.

Particularmente, sueño que nuestros estudiantes, tal como Alencar, descubran los libros, adquieran el hábito de leer, como adquirieron el de surfar, jugar al fútbol, tan importantes como el primero; que descubran nuevos mundos y naveguen no sólo en la internet sino también en los libros literarios.

LER E PENSAR

Eliana Yunes

Um dia escrevi que ler era abrir o olhar para entender o mundo à volta. Hoje devo dizer que ler é uma forma de ler-se, de entender-se. Pois entendemos o mundo, as pessoas e as situações à volta, à medida que começa a fazer sentido nossa relação com o que vemos e vivemos. Há um santo jesuíta, Inácio de Loyola, que se dizia contemplativo na ação. Não somos meros contemplativos na leitura: é o interagir, contemplado, que faz sentido. O sentido pronto não escorre para dentro dos olhos para alojar-se na razão; o sentido vai se fazendo, o entendimento se criando, as opções se desenhando, uma postura surgindo, uma atitude nascendo: o corpo se arrepia, revolta, desassossega, aquece, regela e o coração palpita, sentindo a humana condição, realocando ideias, conceitos se alterando, uma luz nova que se acende como um foco sobre o *déjà vu*. E isto: ler muda a pessoa e o mundo, naquele momento e contexto. Cada leitura renova a palavra e o referido – e mais, seu intérprete e o que (quem) com ele interage.

Depois de tanta teoria semântica – escrevi um livro inteirinho sobre isto –, vejo que as tais referências sólidas são redescobertas com nuances despercebidas antes, por conta de

certos ângulos sequer entrevistados. E mais, nossos referentes são interpretantes conjunturais, em que o lugar de onde falamos condiciona a produção do sentido. A semântica que está no léxico dos dicionários, em vários instantâneos, ajuda-nos relativamente apenas, quando, face a face, tentamos dizer o-que-queremos-dizer-com-o-que-dissemos, a um outro.

Depois de ler durante muitos anos *Dom Casmurro*, um texto especial de Machado de Assis, descobri na enésima leitura que o toque secreto da escrita não era mesmo o jogo traiu-não-traiu, nem a suposta crise de ciúme de um morto, mas a inveja incontrolável de Bentinho diante da “perfeição” de Capitu. Não resisti e escrevi um artigo sobre isto. Realizei o exercício que Barthes apontara com vital, de leitora a escritora.

A experiência de ler é uma experiência efetiva no sentido benjaminiano. Algo nos atravessa e altera. Isto: nos tornamos outros. Comovidos pela vida que está além de nós e nos perpassa, até que digamos com Ricoeur: justo é o que lê o si mesmo como outro.

Ler é uma condição para viver: desde o tempo, o clima, os rastros na terra até as cidades, a política, as exposições, as atitudes, os textos, as práticas sociais, as ciências.

Em toda leitura, há muitas outras associadas, que, torcidas ou destorcidas, constituem nosso modo de ler o mundo, os outros e a nós mesmos.

Ler, mesmo entre culturas ágrafas, é vital. Há sistemas muito complexos além das letras.

LEER Y PENSAR

Eliana Yunes

Un día escribí que leer era abrir la mirada para entender el mundo alrededor. Hoy debo decir que leer es una forma de leerse, de entenderse. Pues entendemos el mundo, entendemos a las personas y las situaciones alrededor, en la medida que empieza a tener sentido nuestra relación con lo que vemos y vivimos. Hay un santo jesuita, Ignacio de Loyola, que se decía contemplativo en la acción. No somos meros contemplativos en la lectura: el sentido está en el interactuar, contemplado. El sentido listo no escurre para dentro de los ojos para alojarse en la razón; el sentido, va haciéndose, el entendimiento creándose, las opciones dibujándose, una postura surgiendo, una actitud naciendo: el cuerpo se eriza, se rebela, desasosiega, calienta, hiela y el corazón late, sintiendo la humana condición, reorganizando ideas, alterando conceptos, una luz nueva que se enciende como un foco sobre el *déjà vu*. Es esto: leer cambia la persona y el mundo, en aquel momento y contexto. Cada lectura renueva la palabra y lo referido – y más su intérprete y el que con él interactúa.

Después de tanta teoría semántica – escribí un libro entero sobre eso – veo que las referencias sólidas son redescubiertas con matices desapercibidos antes, por cuenta de ciertos ángulos siquiera entrevistados. Y más, nuestros referentes son

interpretantes coyunturales, en que el sitio de donde hablamos condiciona la producción del sentido. La semántica que está en el léxico de los diccionarios en varios instantáneos, nos ayuda sólo relativamente, cuándo, cara a cara, intentamos decir lo-que-queremos-decir-con-lo-que-dijimos, a un otro.

Después de leer durante muchos años *Dom Casmurro*, un texto especial de Machado de Assis, descubrí en la enésima lectura que el toque secreto de la escrita no era realmente el juego, engañó-no-engañó, ni la supuesta crisis de celos de un muerto, sino la envidia incontrolable de Bentinho ante la perfección de Capitu. No resistí y escribí un artículo sobre eso. Realicé el ejercicio que Barthes había apuntado como vital de la lectora a la escritora.

La experiencia de leer es una experiencia efectiva en el sentido benjaminiano. Algo nos atraviesa y nos cambia. Esto: nos volvemos otros. Conmovidos por la vida que está más allá de nosotros y nos traspasa, hasta que digamos como Ricouer: justo es el que lee a si mismo como otro.

Leer es una condición para vivir: desde el tiempo, el clima, los rastros en la tierra hasta las ciudades, la política, las exposiciones, las actitudes, los textos, las prácticas sociales, las ciencias.

En toda lectura están muchas otras asociadas, que torcidas o destorcidas constituyen nuestro modo de leer el mundo, los otros y a nosotros mismos. Leer, incluso entre culturas ágrafas es vital. Hay sistemas muy complejos más allá de las letras.

POR QUE LER LITERATURA É IMPORTANTE

Ester Abreu Vieira de Oliveira

Entre os seres vivos, dons maravilhosos couberam ao homem: o andar perpendicular e a capacidade de construir e o poder de destruir; a dádiva de comunicar ideias complexas e sublimes e absorver conhecimentos nos mais variados campos por meio da linguagem, pois, quanto melhor ele fala a sua própria língua, melhor falará a do mundo, porque ela é o resultado de um choque cultural. Um exemplo de confluência linguística é o indo-europeu, língua hipoteticamente falada por volta de 3000 a.C., que se cindiu em diferentes línguas e deu origem à família indo-europeia.

A língua possui a magia de veicular o que pensaram no passado, o que pensam no presente e o que se projeta para o futuro para testemunhar a multiplicidade de presentes. Mas ela só se perpetua pela escrita. Assim, escrever e ler se tornam elementos vivos para servir ao homem na compreensão do mundo em sua totalidade, possibilitar-lhe criticar e assimilar ideias alheias, apreender a ideologia cultural e elevar a qualidade de sua expressão escrita e oral.

Sendo a língua um espelho do homem, ler significa compreendê-lo, aproximar-se de seus valores culturais, numa sociedade, atualmente, bombardeada pelos meios de massa, e ampliar

a probabilidade de desenvolvimento e o conhecimento da história de um povo. Ler proporciona ao homem contrastar retóricas, captar aspectos sociais-culturais-linguísticos de diferentes épocas e lugares, interagir culturalmente, recapturar a identidade da nação a que pertence e afirmar a identidade pessoal e a nacional. Logo, não ler é uma limitação horizontal.

O fortalecimento da língua, as projeções das produções culturais de um povo e a busca de sua identidade ocorrem por via oral ou escrita. Esse é um procedimento que se realiza a partir do simbólico, de uma leitura do mundo que trata do possível, da representação desse mundo, de um texto múltiplo, de um texto que contenha literalidade.

Pelo teor simbólico e estético da criação literária e pela marca de identidade, o texto literário se humaniza e aproxima o leitor dos valores cultural e linguístico de quem o produziu, contribuindo para o crescimento do pensamento estético do leitor e para a sua capacidade de erudição e destreza linguística.

Ler um texto literário proporciona não só o conhecimento de autores e de várias maneiras de ver o mundo ser concebido como também fortalece a aquisição de hábitos de leitura intercultural pela riqueza humana que dele emana, provocando o prazer de ler.

O texto literário permite ao homem viver no mundo que escreve suas leis, pois lhe possibilita suportar a realidade hostil pela representação artística em uma viagem pelo mundo das palavras. Aquele que gosta de ler literatura será capaz de ler qualquer texto, literário ou não, porque o texto literário exige maior capacidade de abstração do leitor. Vargas Llosa, em “La verdad de la mentira”, disse que uma sociedade sem literatura está fadada à barbárie; só a literatura tem a possibilidade de salvar um povo por ser o caminho para resgatar a identidade e a autenticidade:

“Sólo la literatura dispone de las técnicas y poderes para destilar ese delicado elixir de la vida: la verdad escondida en el corazón de las mentiras humanas”, [...] “por delirante que sea [o romance] hunde sus raíces en la experiencia humana, de la que se nutre y a la que alimenta” e a verdade que expressam depende “de su propia capacidad de persuasión, de la fuerza comunicativa de su fantasía, de la habilidad de su magia”.

É essa magia dos simulacros prodigiosos que nos permite apaixonar pela leitura e nos ajuda a completar o mundo e a História e a fazer a vida mais gratificante.

POR QUÉ LEER LITERATURA ES IMPORTANTE

Ester Abreu Vieira de Oliveira

Entres los seres vivos, dones maravillosos cupieron al hombre: el andar perpendicular y la capacidad de construir y el poder de destruir; la dádiva de comunicar ideas complejas y sublimes y sorber conocimientos en los mas variados campos por medio del lenguaje, pues, cuanto mejor habla su propia lengua, mejor hablará la del mundo, porque la lengua es resultado de un choque cultural. Un ejemplo de confluencia lingüística es el indoeuropeo, lengua hipotéticamente hablada cerca del año 3000 a. C., que se dividió en diferentes lenguas y dio origen a la familia indoeuropea.

La lengua posee la magia de vehicular lo que pensaron en el pasado, lo que piensan en el presente y lo que se proyecta en el futuro para testimoniar la multiplicidad de presentes. Pero la literatura sólo se perpetua por la escrita. Así, escribir y leer se vuelven elementos vivos para servir al hombre en la comprensión del mundo en su totalidad, posibilitarle criticar y asimilar las ideas ajenas, aprender la ideología cultural y para elevar la calidad de su expresión escrita y oral.

Siendo la lengua un espejo del hombre, leer significa comprenderlo, aproximarse de sus valores culturales, en una

sociedad, actualmente, bombardeada por los medios de masa, y ampliar la probabilidad de desarrollo y el conocimiento de la historia de un pueblo. Leer permite al hombre contrastar retóricas, captar aspectos sociales-culturales-lingüísticos de diferentes épocas y lugares, interaccionar culturalmente, recapturar la identidad de la nación a que pertenece y afirmar la identidad personal y la nacional. Luego, no leer es una limitación horizontal.

El fortalecimiento de la lengua, las proyecciones de las producciones culturales de un pueblo y la búsqueda de su identidad ocurren por vía oral o escrita. Ese es un procedimiento que ocurre a partir de lo simbólico, de una literatura del mundo que trata de lo posible, de la representación de ese mundo, de un texto múltiple, de un texto que contenga literalidad.

Por el contenido simbólico y estético de la creación literaria y por la marca de identidad, el texto literario se humaniza y aproxima al lector de los valores culturales y lingüísticos de quien lo produjo, contribuyendo para el crecimiento del pensamiento estético del lector y para su capacidad de erudición y destreza lingüística.

Leer un texto literario no proporciona solamente el conocimiento de autores y de varias maneras de ver la concepción de mundo, sino que también fortalece la adquisición de costumbres de lectura intercultural por la riqueza humana que de eso emana, provocando el placer de leer.

El texto literario permite al hombre vivir en el mundo que escribe sus leyes, pues le posibilita soportar la realidad hostil por la representación artística en un viaje por el mundo de las palabras. Aquél a quien le gusta leer literatura es capaz de leer cualquier texto literario o no, porque el texto literario exige mayor capacidad de abstracción del lector. Vargas Llosa, en “La verdad de la mentira”, dice que una sociedad sin literatura

está predestinada a la barbarie; sólo la literatura tiene la posibilidad de salvar un pueblo por ser el camino para rescatar la identidad y la autenticidad:

“Sólo la literatura dispone de las técnicas y poderes para destilar ese delicado elixir de la vida: la verdad escondida en el corazón de las mentiras humanas”, [...] “por delirante que sea [la novela] hunde sus raíces en la experiencia humana, de la que se nutre y a la que alimenta” y la verdad que expresan depende “de su propia capacidad de persuasión, de la fuerza comunicativa de su fantasía, de la habilidad de su magia”.

Es esa magia de los simulacros prodigiosos que nos permite que nos apasionemos por la literatura y ayuda a que completemos el mundo y la Historia y a que hagamos la vida más gratificante.

POR QUE LER LITERATURA?

Fabiola Padilha

Em seu texto “Literatura e filosofia: ensaio de reflexão”, Evando Nascimento assinala, de modo provocativo, o paradoxo que encerra a literatura, ao constatar que sua prática histórica é “tão inútil quanto absolutamente necessária”¹. Assim justifica o autor:

Inútil porque provavelmente desde suas origens ninguém pediu ao escritor, poeta, dramaturgo e mesmo ensaísta que escrevesse algo. Embora exista a literatura de encomenda, esta não corresponde à maior parte da produção literária. [...] Mas já por se fazer em rede, uma rede de correspondentes mundiais, entre os mais diversos países, culturas, disposições espirituais, a literatura começa por essa via mesma a se tornar útil e necessária. [...] Sem atingir uma funcionalidade imediatista, servindo porém aos mais diversos usos, a literatura continua comovendo, educando e deleitando como uma modalidade especial – datada e em pleno processo de transformação – de organização e remanejamento de signos².

¹ NASCIMENTO, Evando, 2004, p. 53.

² *Ibidem*, p. 53.

Esse caráter paradoxal da literatura, que entretece um diálogo estreito com a questão estampada no pórtico deste texto (Por que ler literatura?), aponta, de modo inextrincável, para um tipo de conhecimento do mundo que reduplica o paradoxo, uma vez que, apesar de poder ser encarado como inútil, se revela no entanto indispensável. Conhecimento que enreda vida e literatura, numa pulsação uníssona.

Suspender o olhar sobre a realidade, concentrando-o no texto literário, é uma forma de compreensão dessa mesma realidade. A literatura, essa “modalidade especial de organização e remanejamento de signos”, nutrindo-se do real de que parte, reapresenta-o, conferindo-lhe espessura, densidade, relevo, esculpindo a carnadura do mundo – em palavras. Pois sobre a pele das palavras transita uma paisagem que a excessiva transparência do real não nos permite divisar, mas que, todavia, desde sempre esteve ali. Reinventar literariamente o real implica, portanto, reconhecê-lo *a priori* como insuficiente. Como nos lembra ainda Fernando Pessoa: “A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta”.

Ao emoldurar uma falta que sulca a delicada superfície do mundo – cujas inscrições desenham a aludida insuficiência –, a literatura imprime visibilidade à substância precária de que é feita sua topografia, restituindo-nos o assombro de mirá-la como se fosse a primeira vez. Porque ler literatura é tocar o núcleo dessa ausência, como se tocássemos o núcleo do que também em nós falta.

Referência

NASCIMENTO, Evando. Literatura e filosofia: ensaio de reflexão. In: NASCIMENTO, Evando. OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. (Org.). *Literatura e filosofia: diálogos*. Juiz de Fora: UFJF; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 43-66. (col. Derivas).

¿POR QUÉ LEER LITERATURA?

Fabíola Padilha

En su texto “Literatura e filosofia: ensaio de reflexão”, Evando Nascimento, señala, de manera provocante, la paradoja que encierra la literatura, al comprobar que su práctica histórica es “tan inútil cuanto absolutamente necesaria”¹. Así justifica el autor: “Inútil pues probablemente desde sus orígenes nadie pidió al escritor, poeta, dramaturgo e incluso ensayista que escribiese algo. Aunque exista la literatura de encomienda, esta no corresponde a la mayor parte de la producción literaria. [...] Pero ya por hacerse en red, una red de correspondientes mundiales, entre los mas diversos países, culturas, disposiciones espirituales, la literatura empieza por ese camino mismo a tornarse útil y necesaria. [...] Sin alcanzar una funcionalidad inmediata sirviendo, sin embargo, a los usos más diversos, la literatura continúa conmoviendo, educando y deleitando como una modalidad especial –fechada y en pleno proceso de transformación – de organización y modificación de los signos”².

Ese carácter paradójico de la literatura, que entreteje un diálogo estrecho con la cuestión estampada en la portada de este texto

¹ NASCIMENTO, Evando, 2004, p. 53.

² Ibidem, p. 53

(¿Por qué leer literatura?), apunta, de manera inextricable, para un tipo de conocimiento del mundo que reduplica la paradoja, una vez que, a pesar de poder ser encarado como inútil, se revela sin embargo indispensable. Conocimiento que enreda vida y literatura, en una pulsación unísona.

Interrumpir la mirada sobre la realidad, concentrándola en el texto literario, es una manera de comprensión de esa misma realidad. La literatura, esa “modalidad especial de organización y modificación de signos”, nutriéndose de lo real de que parte, lo representa, confiriéndole espesura, densidad, relieve, esculpiendo la carnadura del mundo – en palabras. Pues sobre la piel de las palabras transita un paisaje que la excesiva transparencia de lo real no nos permite percibir, pero que, no obstante, desde siempre estuvo allí. Reinventar literariamente lo real implica, por lo tanto, reconocerlo *a priori* como insuficiente. Como aún nos acuerda Fernando Pessoa: “La literatura, como toda arte, es una confesión de que la vida no basta”.

Al encuadrar una falta que surca la delicada superficie del mundo – cuyas inscripciones dibujan la aludida insuficiencia –, la literatura imprime visibilidad a la sustancia precaria de que es hecha su topografía, restituyéndonos el asombro de mirarla como se fuese la primera vez. Porque leer literatura es tocar el núcleo de esa ausencia, como se tocásemos el núcleo de lo que también hace falta en nosotros.

Referencia

NASCIMENTO, Evando. Literatura e filosofia: ensaio de reflexão. In: NASCIMENTO, Evando. OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. (Org.). *Literatura e filosofia: diálogos*. Juiz de Fora: UFJF; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 43-66. (col. Derivas).

POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA?

Francisco Gregório Filho

Literatura? Para acordar o sonho. O sonho para piscar, piscar... e ir piscando ao outro.

Porque... por que sonhar?

Como, como fecundar o sonho?

Fazer, fazer o grávido sonho?

Não deixar, não permitir o sonho acabar?

Para se encantar.

Para se enamorar.

Para se encontrar.

Para com a incompletude humana.

Entrar-se prene e pleno de humanidade na finitude...

Aprendendo a amar os dias e as noites misteriosas da vida.
Assim como aquele pequenino grão de areia.

Há muito tempo, na época dos avós de nossos avós, numa praia do belo litoral brasileiro, um pequenino grão de areia enamorou-se de uma estrela das bonitas do céu estrelado, das noites enluaradas.

— Eu pisco e ela pisca. Pisco com o direito e ela pisca. Pisco com o esquerdo e ela pisca.

— Pisco com os dois olhos e ela pisca. Ela é minha namorada, ela está piscando para mim.

E o Pequenino Grão de Areia convidava os outros grãozinhos para também escolherem uma estrela e namorarem. Os outros olhavam para aquele Grãozinho com desdém e debochavam das atitudes dele. Diziam a ele que aquilo era esquisitice e que ele precisava se aprumar. Mas o Pequenino Grãozinho de Areia passava as noites acordado olhando para o céu piscando.

— Eu pisco e ela pisca, eu pisco e ela pisca. Vejam todos, ela está a piscar, ela é minha namorada, ela pisca para mim.

E assim passaram noites e mais noites com aquele Grãozinho enamorado de uma Estrela que piscava. O Céu cheio de estrelas, mas aquela era a escolhida do Grãozinho apaixonado. Os outros Grãos continuavam achando tudo aquilo muito estranho e até sinistro. Desmereciam a performance daquele Pequenino Grão de areia e galhofavam muito do pobrezinho, que sozinho, em altas madrugadas, permanecia olhando para o céu, piscando para a Estrela.

— Eu pisco e ela pisca, pisco com o direito e ela pisca, pisco com o esquerdo e ela pisca. Pisco com os dois olhos e ela pisca, como é linda a minha Estrela.

Uma noite veio um vento e levou aquele Pequenino Grão de areia para outra praia do belo litoral brasileiro. Lá, pertinho da água do mar, continuava o Grãozinho enamorado da Estrela. Novamente convidou os demais Grãos, seus vizinhos para namorarem também:

— Vamos, namorem. É só escolher uma estrela e piscar; vejam, aquela é a minha namorada, pisco e ela pisca, pisco e ela pisca.

Bom, meus amigos, não preciso dizer o que os outros Grãos faziam. Imaginem o comportamento desses Grãos em relação às atitudes daquele Grãozinho. Fato é que de repente uma onda mansa quebrou na praia e as espumas das águas deixaram o enamorado todo molhadinho. Todo espumado, o Grãozinho continuou a piscar:

— Eu pisco e ela pisca, ela é linda.

Pois não é, meus ouvintes, que uma outra onda, dessa vez daquelas bem brabas, levou o Grãozinho para o fundo do mar. E foi aí, naquele instante, que todos os outros Grãos viram... uma estrela caindo. Todos os Grãos de areia do mundo avistaram a estrela cadente. Quem duvidar é só mergulhar bem lá no fundo e vai encontrar a Estrela do Mar. Por causa daquele Grãozinho de areia apaixonado por uma estrela, nós homens e mulheres de todos os países também podemos assistir ao espetáculo da Estrela Cadente. Dizem até que nestes momentos podemos fazer três pedidos que serão atendidos, dizem...

— VIVA AQUELE GRÃOZINHO DE AREIA! VIVA!

¿POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA?

Francisco Gregório Filho

¿Literatura? Para despertar el sueño. El sueño para guiñar, guiñar... e ir guiñando al otro.

Porque... ¿por qué soñar?

¿Cómo, cómo fecundar el sueño?

¿Hacer, hacer el preñado sueño?

¿No dejar, no permitir que se acabe el sueño?

Para encantarse.

Para enamorarse.

Para encontrarse.

Para con la incompletud humana.

Entrarse preñado y pleno de humanidad en la finitud...

Aprendiendo a amar los días y las noches misteriosas de la vida.
Así como aquel pequeñito grano de arena.

Hace mucho tiempo, en la época de los abuelos de nuestros abuelos, en una playa del hermoso litoral brasileiro, un pequeñito grano de arena se enamoró de una estrella de las bonitas del cielo estrellado, de las noches de luna.

— Yo guiño y ella guiña. Guiño con el derecho y ella guiña. Guiño con el izquierdo y ella guiña.

— Guiño con los dos ojos y ella guiña. Ella es mi novia y me está guiñando a mí.

Y el Pequeñito Grano de Arena invitaba a los otros granos a que escogiesen una estrella y namorarem. Los otros miraban a aquel Grãozinho con desdén y se burlaban de sus actitudes. Le decían que aquello era rareza y que era necesario que él se aplomara. Pero el Pequeñito Grãozinho de Arena pasaba las noches despierto mirando al cielo guiñando.

— Yo guiño y ella guiña. Vean todos, ella está guiñando, ella es mi novia, ella me guiña un ojo.

Y de esa manera pasaran noches y más noches con aquel Grãozinho enamorado de una Estrella que guiñaba. El Cielo lleno de estrellas, pero aquella era la elegida del Grãozinho apasionado. A los otros Granos todo aquello seguía pareciéndoles muy raro y incluso siniestro. Desmerecían la performance de aquel Pequeñito Grano de arena y bromeaban mucho del pobre que solito, en las altas madrugadas, seguía mirando al cielo, haciéndole guiños a la Estrella.

— Yo guiño y ella guiña, guiño con el derecho y ella guiña, guiño con el izquierdo y ella guiña. Guiño con los dos y ella guiña, ¡cómo es linda mi Estrella.

Una noche vino un viento y se llevó aquel Pequeñito Grano de arena a otra playa del hermoso litoral brasileiro. Allí, cerquita del agua del mar, seguía enamorado de la Estrella el Grãozinho. Nuevamente invitó a los demás Granos, sus vecinos a namorarem también:

— Vamos, namorem. Basta con escoger una estrella y guiñar, vean, aquella es mi novia, guiña y ella guiña, guiño y ella guiña.

Mis amigos, no necesito decir lo que los otros Granos hacían. Imaginen el comportamiento de esos Granos en relación a las actitudes de aquel Grãozinho. El hecho es que de repente una ola mansa quebró en la playa y las espumas de las aguas dejaron al enamorado completamente mojado. Todo espumado, el Grãozinho continuó guiñando:

— Yo guiño y ella guiña, ella es linda.

La verdad, mis oyentes, es que una otra ola, de esa vez de aquellas bien bravas, se llevó o Grãozinho para o fundo do mar. Y fue ahí, en aquel instante, que todos los otros Granos vieron... una estrella que caía. Todos los Granos de arena del mundo avistaron a la estrella cadente. El que dude basta con sumergir en el fondo que va a encontrar a Estrella del Mar. Por causa de aquel Grãozinho de arena apasionado por una estrella, nosotros hombres y mujeres de todos los países también podemos asistir al espectáculo de la Estrella Cadente. Dicen incluso que en esos momentos podemos hacer tres pedidos que se atenderán, dicen...

— VIVA AQUE GRÃOZINHO DE ARENA! VIVA!

POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA?

Joana d’Arc Batista Herkenhoff

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Antonio Candido

Muitos são os textos em que escritores consagrados da nossa literatura abordam o prazer das primeiras leituras literárias e sua importância para sua constituição como escritores: Jean-Paul Sartre, nas belas páginas do livro *As palavras*, obra de cunho autobiográfico, que conta a sua infância solitária em companhia dos livros, seus primeiros brinquedos, e relata também sua primeira experiência estética, ao receber da mãe uma coleção de livros infantis; Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Infância”, fala da leitura de Robinson Crusoe, experiência de leitura retomada no poema “Fim”, do livro *Boitempo*, que nos mostra que, quando Robinson Crusoe deixa a ilha, nela deixa também o pequeno leitor, que não se conforma com o fim da história e deseja prolongar a aventura da leitura; Clarice Lispector, no conto de tom autobiográfico “Felicidade clandestina”, tematiza a felicidade experimentada

pela posse amorosa do livro *Reinações de Narizinho* pela personagem narradora.

Poderia ainda citar outros tantos textos cuja força e beleza já seriam argumento suficiente para convencer sobre a importância da leitura literária. No entanto pretendo, neste breve texto, chamar a atenção para a importância da leitura para o leitor comum, cuja relação com a literatura não necessariamente conduz à produção do texto literário, mas se concentra na não menos importante dimensão do sistema literário que é a leitura. Para esse leitor, como o foi para os escritores citados, tanto mais forte e mais profunda será a sua ligação com a literatura quanto mais cedo se der esse contato. Daí a importância da família e da escola proporcionarem às crianças o convívio com textos literários.

Sabe-se, no entanto, que a leitura não faz parte do cotidiano de muitas famílias; cabe, pois, à escola, no papel que tem desempenhado de resgatar e devolver à sociedade práticas culturais esquecidas, a tarefa de promover o encontro prazeroso do jovem leitor com a literatura.

No âmbito escolar, a literatura tem muito a contribuir. Por meio dela, o aluno entra em contato com a língua em seu grau máximo de significação, pois é na literatura que a língua alcança a sua plenitude, ao se desprender da tarefa primária de ferramenta de comunicação, para converter-se em objeto de apreciação estética. Vale lembrar que o radical da palavra estética é o mesmo da palavra anestesia, dessa forma, a experiência estética “desanestesiaria” o leitor, tornando-o mais sensível aos apelos do texto e à realidade psicológica ou objetiva evocada por ele. O desprestígio que a literatura tem sofrido nas escolas, ao ser preterida pelos “gêneros que circulam na sociedade”, tem privado o jovem leitor de um contato mais estreito com esse texto que, ao contrário do que

alguns defendem, serve para ensinar a ler e, muito mais que isso, serve para ensinar a gostar de ler.

A escola é lugar que, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências, deve propiciar ao aluno o acesso ao conhecimento em suas mais diversas manifestações, e a literatura possibilita ao leitor acessar um universo amplo de possibilidades cognitivas. No entanto, é por meio da disciplina História que nossos alunos, especialmente os de quinta a oitava séries, vêm tendo acesso ao conhecimento específico do universo literário, sua ligação com o contexto e suas contribuições para o desenvolvimento da humanidade: é nas aulas de História que os alunos ouvem falar, por exemplo, de Camões e de *Os Lusíadas*. O termo **literatura** mal circula nesse segmento de ensino em que os alunos ainda continuam lendo livros para fazer prova. É importante ler literatura na escola, mas é preciso que sua leitura de fato insira o aluno no sistema literário, levando-o a compreender a especificidade do texto literário por meio de práticas que de fato condigam com ações realizadas pelo verdadeiro leitor de literatura: como escolher o livro que deseja ler, ler para saber; ler para saborear o texto.

Há muito ainda o que dizer em defesa dessa vetusta, mas tão jovial e sábia senhora. Os argumentos mais sólidos, porém, encontram-se nas suas páginas, nas suas palavras. No entanto é importante não perder de vista que literatura é um “inutilíssimo”, termo emprestado a Paulo Leminski, portanto não deve ser apenas “usada para” e muito menos ser vítima de mau uso nas práticas escolares. Sua função é propiciar ao leitor, em meio a uma sociedade que se guia pelo pragmatismo, a gratuidade e o desapego da fruição estética, que tanto contribuem para o processo de humanização.

¿POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA?

Joana d'Arc Batista Herkenhoff

La literatura corresponde a una necesidad universal que debe ser satisfecha so pena de mutilar la personalidad, porque, por el hecho de dar forma a los sentimientos y a la visión del mundo, nos organiza, nos libera del caos y por lo tanto nos hace humanos. Negar la fruición de la literatura es mutilar nuestra humanidad.

Antonio Candido

Muchos son los textos en que los escritores consagrados de nuestra literatura enfocan el placer de las primeras lecturas literarias y su importancia para su constitución como escritores: Jean-Paul Sartre, en las hermosas páginas del libro, *Las palabras*, obra de carácter autobiográfico, que cuenta su infancia solitaria en compañía de los libros, sus primeros juguetes y relata también su primera experiencia estética, al recibir de su madre una colección de libros para niños; Carlos Drummond de Andrade, en su poema “Infancia”, habla de la lectura de Robinson Crusoe, experiencia de lectura retomada en el poema “Fin”, del libro *Boitempo*, que nos muestra que, cuando Robinson Crusoe abandona la isla, allí también deja al pequeño lector, que no se conforma con el fin de la historia y quiere prolongar la ventura de la lectura; Clarice Lispector en el cuento de tono autobiográfico, “Felicidad clandestina”,

discute la felicidad experimentada por la posesión del libro de amor, *Reinações de Narizinho*, por el personaje narrador.

Podría citar muchos otros textos cuya fuerza y belleza serían argumento suficiente para convencer de la importancia de la lectura literaria. Sin embargo, tengo el propósito, en este breve texto, de llamar la atención para la importancia de la lectura para el lector común, cuya relación con la literatura no conduce necesariamente a la producción de textos literarios, sino se concentra en la dimensión no menos importante del sistema literario que es la lectura. Para ese lector, como lo fue para los escritores citados, tanto más fuerte y más profunda es su conexión con la literatura cuanto más temprano es ese contacto. De ahí la importancia de la familia y la escuela para proporcionar a los niños la familiaridad con textos literarios.

Se sabe, sin embargo, que la lectura no forma parte de lo cotidiano de muchas familias; cabe, por lo tanto, a la escuela, en el papel que ha desempeñado para recuperar y devolver a la sociedad las prácticas culturales olvidadas, la tarea de promover el encuentro placentero del joven lector con la literatura.

En la escuela es muy grande la contribución de la literatura, pues con ella el alumno entra en contacto con el idioma en su más alto grado de significación, pues es en la literatura que la lengua alcanza su plenitud, al desprenderse de la tarea primaria de la herramienta de comunicación, para convertirse en objeto de apreciación estética. Merece la pena recordar que la raíz de la palabra estética es la misma de la palabra anestesia, por lo tanto, la experiencia estética “desanestesiaria” al lector, haciéndolo más sensible a las invocaciones del texto y a la realidad psicológica u objetiva planteada por él. El desprestigio que la literatura ha sufrido en las escuelas, al ser preterida por “géneros que circulan en la sociedad”, ha

privado al joven lector de un contacto más cercano con ese texto que, contrariamente a lo que algunos defienden, sirve para enseñar a leer y mucho más que eso, sirve para enseñar el placer de leer.

La escuela es un lugar que, además de contribuir al desarrollo de habilidades y competencias, debe proporcionar a los estudiantes el acceso al conocimiento en sus más diversas manifestaciones, y la literatura permite al lector acceder a un amplio universo de posibilidades cognitivas. Sin embargo, es por medio de la Historia, que nuestros estudiantes, especialmente los de 5^a a 8^a series, han tenido acceso a los conocimientos específicos del mundo literario, su relación con el contexto y sus contribuciones al desarrollo de la humanidad: es en las clases de Historia que los alumnos oyen hablar, por ejemplo, de Camões y de *Los lusíadas*. El término **literatura** apenas circula en este segmento de la enseñanza donde los estudiantes siguen leyendo para hacer prueba. Es importante leer literatura en la escuela, pero es necesario que su lectura de hecho inserte al estudiante en el sistema literario, llevándolo a comprender la especificidad de los textos literarios por medio de prácticas que de hecho condigan con las acciones realizadas por el verdadero lector de literatura: cómo elegir el libro que desea leer, leer para saber, para disfrutar el texto.

Todavía hay cosas que decir en defensa de esa vetusta, pero tan jovial y sabia señora, los argumentos más sólidos, sin embargo, están en sus páginas, en sus palabras. Así y todo, es importante no perder de vista que literatura es un “inutensilio”, un término tomado por Paulo Leminski, por lo tanto no sólo debe ser “utilizado para” y mucho menos ser víctima de abuso en las prácticas escolares. Su función es proporcionar al lector en medio a una sociedad que se guía por el pragmatismo, la gratuidad y el desprendimiento de la fruición estética que tanto contribuyen para el proceso de humanización.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Júlio Cesar Carlos Souza

É indiscutível a importância da leitura na formação de uma Nação, seja no campo cultural ou no político, seja no econômico ou no social, conforme dito pelo nosso ilustre Monteiro Lobato: “Um País se faz com homens e livros”. Ler é exercer o direito de liberdade, é viajar no tempo e no espaço, é ultrapassar barreiras, até então, intransponíveis. Ler é existir e fazer existir.

Em relação à cultura, a leitura pode ser vista como fonte inesgotável e essencial de conhecimento. A pessoa que tem a leitura por hábito, inegavelmente, desfruta de maior gama de sabedoria, maior capacidade de decisão, de discernimento, etc. Tem acesso a maior quantidade de informações e desfruta de um mundo diferente, repleto de subsídios cognitivos e de cultura geral mais ampla. Todo esse conjunto proporciona benefícios de valores inestimáveis, transforma um simples indivíduo em criatura de verdadeira elegância cultural, fazendo dele nova pessoa, com nova postura, mais respeitada por todos e rica.

Já no campo político, é fato que, como consequência da melhor formação cultural, decerto as escolhas daqueles que tomarão o leme e indicarão o rumo do País terão padrão

de seleção requintado, olhos clínicos, e, com isso, serão eleitos melhores governantes, políticos mais dignos, sérios, honestos e, sobretudo, mais competentes. Esses ingredientes culminarão na realização de um ideal que nasceu lá no Brasil- Império e foi corroborado na Proclamação da República: “Ordem e Progresso”.

Sem esquecer o aspecto econômico, é interessante citar a qualificação pessoal e profissional que, indubitavelmente, advém do hábito da leitura. Às qualidades já citadas, podem-se acrescentar visão mais ampla e maior interesse, o que resulta em trabalhadores com melhor qualificação. Isso, para o país e para o povo, significa mão de obra especializada, maiores salários e mais qualidade de vida, além de menores gastos com uma série de problemas que acompanham a população leiga e inculta.

Lembrando ainda que, ao longo dos séculos, aqueles povos que obtiveram contato mais precoce com a leitura, tiveram seus processos de crescimento antes dos demais. Basta observar que, nos países desenvolvidos, a população lê, por ano, quantidade superior de livros do que nos países pobres, conforme pesquisas veiculadas na internet.

Finalmente, falando do lado social, como não salientar que a leitura é uma das maiores e mais excepcionais fontes de lazer. A leitura traz tudo aquilo de que o Homem necessita, quem lê está em todos os lugares, vive em todos os tempos, está na lua num momento e no meio da guerra de Troia, no seguinte. Pode viver amores impossíveis, alcançar valores incalculáveis e obter conquistas incríveis, pelo simples fato de que a leitura invade o universo da imaginação. Diferentemente de outras artes em que o espectador é limitado por ideias, visões, cenários ou pessoas, nos livros o limite do imaginável é estabelecido pelo leitor, ou seja,

não há limites. Além do mais, o leitor tem a possibilidade de construir a história junto com o autor.

Quem lê enxerga melhor, melhor ouve, melhor fala e, acima de tudo, melhor sente. Ou seja, pode-se concluir que a leitura constante é complemento dos sentidos de que é dotada a criação maior do universo, o Homem, e, portanto, é complemento do sentido da vida.

LA IMPORTANCIA DE LA LECTURA

Júlio Cesar Carlos Souza

Es indiscutible la importancia de la lectura en la formación de una Nación, sea en el ámbito cultural o en el político, sea en el económico o en el social, como lo dijo nuestro ilustre Monteiro Lobato: “Un País se hace con hombres y libros.” Leer es ejercer el derecho de libertad, es viajar en el tiempo y en el espacio, es exceder barreras, hasta entonces, insuperables. Leer es existir y hacer existir.

Con relación a la cultura, la lectura puede ser vista como fuente inagotable y esencial de conocimiento. La persona que posee la lectura por hábito, innegablemente, disfruta de mayor gama de sabiduría, mayor capacidad de decisión, de discernimiento etc. Tiene acceso a mayor cantidad de informaciones y disfruta de un mundo diferente, repleto de subsidios cognitivos y de una cultura general más amplia. Todo ese conjunto proporciona beneficios de valores inestimables, transforma un simple individuo en criatura de verdadera elegancia cultural, haciéndolo nueva persona, con nueva postura, más respetada por todos y rica.

Ya en el campo político, es cierto que, como consecuencia de la mejor formación cultural, de hecho las escojas de aquellos que tomarán el timón e indicarán el rumbo del País, tendrán

patrón de selección refinado, ojos clínicos y, con eso, serán electos mejores gobernantes, políticos más dignos, serios, honestos y, sobre todo, más competentes. Esos ingredientes culminarán en la realización de un ideal que nació en el Brasil-Imperio y fue corroborado en la Proclamación de la República: “Ordem e Progresso”.

Sin olvidar el aspecto económico, es interesante citar la calificación personal y profesional que, sin duda, adviene del hábito de la lectura. A las cualidades ya citadas, se puede acrecentar visión más amplia y mayor interés, lo que resulta en trabajadores con mejor cualificación. Eso, para el país y para el pueblo, significa mano de obra especializada, mayores salarios y más calidad de vida, además de menores gastos con una serie de problemas que acompañan la población lega e inculta.

Recordando, todavía, que, a lo largo de los siglos, aquellos pueblos que obtuvieron contacto más precoz con la lectura, tuvieron sus procesos de crecimiento antes de los demás. Basta observar que, en los países desarrollados, la población lee, por año, cantidad superior de libros que en los países pobres, según pesquisas vehiculadas en la internet.

Finalmente, hablando de lo social, como no resaltar que la lectura es una de las mayores y más excepcionales fuentes de ocio. La lectura trae todo aquello de que el Hombre necesita, quien lee está en todos los lugares, vive en todos los tiempos, está en la luna en un momento y en medio de la guerra de Troya, en el siguiente. Puede vivir amores imposibles, alcanzar valores incalculables y obtener conquistas increíbles, por el simple hecho de que la lectura invade el universo de la imaginación. Diferentemente de otras artes en que el espectador es limitado por las ideas, visiones, escenarios o personas, en los libros el límite de lo imaginable es establecido

por el lector, o sea, no hay límites. Además, el lector tiene la posibilidad de construir la historia junto con el autor.

Quien lee ve mejor, oye mejor, habla mejor y, además de todo, siente mejor. O sea, se puede concluir que la lectura constante es complemento de los sensores de que es dotada la creación mayor del universo, el Hombre, y por lo tanto, es complemento del sentido de la vida.

A LITERATURA E SEUS ENCONTROS SURPREENDENTES

Kamila Brumatti Bergamini

A diferença, seja ela entre pessoas, entre lugares ou mesmo entre épocas. A importância de ler literatura passa pela experiência, própria do texto literário, de contato com aquilo que foge ao nosso conhecimento prévio. Por mais que um tema de romance seja familiar, por mais que uma trama reconte situações já vividas por nós ou um poema fale de sentimentos cotidianos, a mágica da literatura fará com que estas experiências ganhem um ar de originalidade. Reconhecemos parte do que lemos, mas sempre há uma outra parte, um elemento novo, capaz de prender o leitor na expectativa do texto. Chamo essa expectativa de desejo pela diferença.

É comum, ao conversarmos com pessoas que leem muito, notar que para esses leitores o valor do texto literário se dá na medida em que as histórias se afastam de sua realidade. É como se a literatura despertasse a necessidade de observar as coisas por um modo diferente. Assim, o poema se torna interessante, pois traz um tipo de linguagem não comum ou uma narrativa de amor entre personagens do século XIX encanta pelo tipo de relacionamento amoroso tão desconhecido.

Despertado o interesse pela diferença – ou pelo outro –, o leitor viaja, cada vez mais longe, na busca daquilo que ele antes desconhecia. Ler literatura, então, é o passaporte para essa viagem rumo ao desconhecido.

Mas por que é importante ler literatura? Pergunta que também pode ser: Por que é importante ter contato com o diferente? Um escritor argentino chamado Julio Cortázar disse certa vez que o mundo literário é um mundo de exploração daquilo-que-não-é-o-homem e que, no entanto, apresenta-se obscuramente ligado ao homem por analogias a se descobrir.

A ideia contida nessas palavras é a de que o diferente pode, de alguma maneira, ser semelhante. Pensamos que a diferença é uma barreira intransponível porque não nos dedicamos a compreender as coisas por um outro ponto de vista. O texto literário, com suas várias vozes – vozes de personagens, de narradores, de eus líricos –, multiplica as possibilidades de comunicação e descrição do mundo, transformando cada fala em um novo mundo. No fim, essas várias dimensões se unem, compondo um mosaico de experiências.

Cada vez mais surpreendido pela pluralidade, o leitor de literatura passa a exercer o papel de “catalogador” de realidades. Tarefa divertida no sentido original do termo diversão, que vem do latim *divertere* e designa tanto prazer quanto desvio. Desviando do já sabido e indo ao encontro do surpreendente, nós, leitores, vislumbramos aquilo que não-nos-é e avançamos sobre os limites do conhecido.

Poderíamos nos perguntar se o texto, todo e qualquer, não seria capaz de proporcionar tais sensações. Ou seja, ler é importante, mas não necessariamente o texto literário. Concordo em parte com a afirmação; concordo que ler é importante sim, mas ler literatura tem um gosto todo especial. De modo geral, os textos não literários têm uma intenção,

que é a de comunicar certo aspecto da realidade. No caso da literatura, há a intenção de comunicar segundo realidades do texto, sem um compromisso firmado com a realidade exterior aos livros. A diversão acaba por ser maior no texto literário. Pode-se esperar de tudo em suas páginas.

O escritor realiza mundos mais originais quando se distancia da referência comum e inventa seus próprios moldes. Ele cria ao sabor de uma imaginação sem fronteiras e consegue, com isso, encantar ainda mais o leitor de sua obra.

Entre semelhanças e diferenças, entre algo já visto e algo inovador, a literatura disponibiliza o desejo e a necessidade do novo e a insatisfação pela obviedade de sentido para as coisas, em um verdadeiro e profundo encontro com o surpreendente.

LA LITERATURA Y SUS ENCUENTROS SORPRENDENTES

Kamila Brumatti Bergamini

La diferencia, sea entre personas, entre lugares o incluso entre épocas. La importancia de leer literatura pasa por la experiencia propia del texto literario, del contacto con aquello que huye a nuestro conocimiento previo. Por más que un tema de novela sea familiar, por más que una trama recuente situaciones vividas por nosotros o un poema hable de sentimientos cotidianos, la mágica de la literatura hará que esas experiencias ganen un aire de originalidad. Reconocemos parte de lo que leemos, pero siempre hay una otra parte, un elemento nuevo, capaz de prender al lector en la expectativa del texto. Llamo esa expectativa de deseo por la diferencia.

Es común que, al conversar con personas que leen mucho, notemos que para esos lectores el valor del texto literario ocurre en la medida en que las historias se distancian de su realidad. Es como si la literatura despertara la necesidad de observar las cosas de un modo diferente. De esa forma, el poema se hace interesante pues trae un tipo de lenguaje que no es común o una narrativa de amor entre personajes del siglo XIX y encanta por el tipo de relación amorosa tan desfamiliar.

Despertado el interés por la diferencia – o por el otro – el lector viaja cada vez más lejos, en busca de aquello que antes desconocía. Leer literatura, entonces, es el pasaporte para ese viaje rumbo al desconocido.

Pero, ¿por qué es importante leer literatura? También se puede preguntar: ¿Por qué es importante tener contacto con lo diferente? El escritor argentino Julio Cortázar dijo cierta vez que el mundo literario es un mundo de exploración de aquello-que-no-es-el-hombre y que, sin embargo, se presenta obscuramente unido al hombre por analogías a descubrirse.

La idea contenida en esas palabras es la de que lo diferente puede de alguna manera, ser semejante. Pensamos que la diferencia es una barrera que no se puede transponer porque no nos dedicamos a comprender las cosas por otro punto de vista. El texto literario, con sus varias voces – voces de personajes, de narradores de sus yos líricos – multiplica las posibilidades de comunicación y descripción del mundo, transformando cada habla en un nuevo mundo. Al fin y al cabo, esas dimensiones se unen, componiendo un mosaico de experiencias.

Cada vez más sorprendido por la pluralidad, el lector de literatura pasa a ejercer el papel de “catalogador” de realidades. Tarea divertida en el sentido original del término diversión, que viene del latín *divertere* y designa tanto placer como desvío. Desviando de lo que ya se sabe y yendo al encuentro de lo sorprendente nosotros, lectores, vislumbramos aquello que no-nos-es y avanzamos sobre los límites de lo conocido.

Podríamos preguntarnos si el texto, todo y cualquiera, no sería capaz de proporcionar tales sensaciones. O sea, leer es importante, pero no necesariamente el texto literario. Concuero en parte con la afirmación; concuero que leer sí es importante, pero leer literatura tiene un gusto todo

especial. De modo general, los textos que no son literarios tienen una intención, que es la de comunicar cierto aspecto de la realidad. En el caso de la literatura, hay la intención de comunicar de acuerdo con algunas realidades del texto, sin que haya un compromiso firmado con la realidad exterior a los libros. La diversión acaba por ser más grande en el texto literario. Se puede esperar de todo en sus páginas.

El escritor realiza mundos más originales cuando se aleja de la referencia común e inventa sus propios moldes. Crea al gusto de una imaginación sin fronteras y consigue, con eso, encantar todavía más al lector de su obra.

Entre similitudes y diferencias, entre algo ya visto y algo innovador, la literatura hace disponible el deseo y la necesidad de lo nuevo y la insatisfacción por la obviedad del sentido para las cosas, en un verdadero y profundo encuentro con lo sorprendente.

AS PISTAS DA POESIA

Lucelena Ferreira

A poesia segue por pistas. Convite de parceria para a voz do leitor: que se afine e escorregue, que tinja o traço. Assim, o leitor assume lugar criador. Longe do fácil, risco é de fatura. Em trama que atrai silêncio, o sentido se firma pelas frestas.

Há textos de conforto, que embalam o óbvio calmo, sem movimento. Mas poeta é escavador. Supera a terra batida para se embrenhar na umidade por baixo. O poeta e o ouro no rio. O poeta e os cascalhos. Ao ouvir/ler poesia, a vida expande seus melhores mistérios.

A fala do dia a dia desce em ponto de correnteza, sem parada pra torcer, mudar de rumo, inventar. Curso sem hesitação – o rumor repetido. Já a poesia acende sonoridade na língua. Seu líquido é terreno, em sílaba-sumo. E assim de repente tudo sibila neste jardim de infância e de todos os tempos. No caule rígido, só a casca do leitor cigarra, que se lança fora, afinando. O apelo não é a resposta, é a possibilidade.

Poesia como brinquedo: tijolinho e construção. Na liberdade das palavras, brisa é de sempre. Pulo vira dança. Pedra pode ficar pedra mesmo, sem perder o arco-íris. Susto vira leitor. E a ciranda, a ciranda...

Tudo cabe num círculo. E o verso volveia, sem aviso, pela história do leitor. O aceno é para longe e para perto. Do que se inventa, extrai-se o possível. Poder de transformar-se. A memória refeita arrisca encantamento? Cabe.

Por fim, o leitor poético finca o ato. Preenche e se apropria, discorda e refaz. Sua voz é estrada. É na vida que a poesia derrama.

LAS PISTAS DE LA POESÍA

Lucelena Ferreira

La poesía sigue por pistas. Invitación de aparcería para la voz del lector: que se afine y resbale, que tiña el trazo. Así, el lector asume lugar creador. Lejos de lo fácil, el riesgo es de abundancia. En la trama que atrae silencio, el sentido se fija por las rendijas.

Hay textos de confortación, que envuelven el obvio calmo, sin movimiento. Pero el poeta es escavador. Vence la tierra batida para embreñarse por debajo en la humedad. El poeta y el oro en el río. El poeta y los cascajos. Al oír/leer poesía, la vida expande sus mejores misterios.

El habla del día a día baja en punto de torrente, sin parada para dar vueltas, cambiar de rumbo, inventar. Curso sin hesitación – el rumor repetido. Ya la poesía enciende sonoridad en la lengua. Su líquido es terreno, en sílaba-zumo. Y así repentinamente todo silba, en ese jardín de la infancia y de todos los tiempos. En el tronco rígido, solo la cáscara del lector cigarra, que se arroja, afinando. El llamamiento no es la respuesta, es la posibilidad.

Poesía como juguete: ladrillillos y construcción. En la libertad de las palabras, la brisa es de siempre. El salto se hace danza.

La piedra puede seguir piedra nomás, sin perder el arco iris. El susto se vuelve lector. Y la rueda, rueda...

Todo cabe en un círculo. Y el verso pasea, sin aviso, por la historia del lector, El ademán es para lejos y para cerca. Del que se inventa, se extrae lo posible. Poder de transformarse. ¿La memoria rehecha arriesga encantamiento? Cabe.

Por fin, el lector poético hinca el acto. Rellena y se apropia, discuerda y rehace. Su voz es camino. Es en la vida que la poesía derrama.

LER PARA NÃO MORRER

Marta Morais da Costa

Lembro-me do quanto me impressionou a entrevista de João Gilberto Noll, há alguns anos atrás, quando perguntado sobre a razão pela qual escrevia, para o que respondeu: “Escrevo para não morrer”.

Parceiro do escritor, o leitor (rima que a língua, tal como a Moira grega, destinou para universal e perene concerto) também lê para não morrer.

Antes que você, leitor desavisado, pense que estou impregnada de pensamentos fúnebres, depressiva e com o pé na cova, esclareço que assumo a leitura como forma de escapar à morte metafórica, porque me identifico e concordo com as palavras do escritor, transformadas que foram em meu projeto de vida e profissão. Mas há muitos modos de morrer metaforicamente.

O analfabetismo é a morte em vida, e, para a vida cultural mais refinada-elevada, ler é vida afirmativa. A literatura pra valer é a vitalização da língua, é discurso renascido em cada obra que transcende a mediocridade e pasmaceira do lugar-comum, da ausência de descobertas na e pela intervenção da palavra. Você se lembra daquela joia poética de Oswald de Andrade que é o

poema “3 de maio”? Antiga data comemorativa do achamento desta ilha gigante e saqueada até hoje, que é o Brasil, essa era a data comemorativa da efeméride, antes da correção imposta pela Reforma Gregoriana do calendário em 1582. Recorde comigo o poema de Oswald de Andrade: “Aprendi com meu filho de dez anos / que a poesia é a descoberta / das coisas que eu nunca vi”. Essa percepção adâmica e vicária da força poética se repete em cada palavra, página e texto da literatura. Renascemos em nós mesmos nos encontros com o nunca visto – mesmo que já intuído – personagem, com o renovado enredo, com outras perspectivas de explicação para o real, para o hoje e para o possível.

O leitor de literatura escapa da morte cerebral, porque a literatura lhe ativa no cérebro o hemisfério esquerdo, o da linguagem, causando ali uma tonificação dos neurônios pela técnica do desafio: “Decifra-me ou te atrofia”, parece advertir o esfíngico texto experimental. “Decifra-me ou te insensibilizo”, clama o texto introspectivo. “Decifra-me ou te coisifico”, brada o texto social. “Decifra-me ou te descentro”, conclui a narrativa histórica.

Estar a um passo dessas mortes, pressionado pelos apelos e alertas desses textos plurais constitui a sina do leitor de literatura. Em cada novo texto, repete-se a aventura do desconhecido: as primeiras páginas de um romance, as primeiras linhas de um poema, um leitor em desconcerto, Tateando em busca do reconhecimento e processando informações em alta velocidade e voltagem. Antes que o ar lhe suma todo dos pulmões, eis que o oxigênio salvador do repertório, o horizonte de leituras anteriores lhe devolve a cor às faces e lhe coloca os pés no chão. Identifica aqui e ali fragmentos de experiências anteriores, começa a penetrar com bússola e mapa o território a ser desbravado, e que lhe parecera de início tão inexpugnável. Passado o momento

do assombro, o texto começa a perder suas sombras e a luz penetra entre as páginas e o leitor toma posse da terra e seus vazios.

Esse jogo de falências momentâneas e dos sentidos intensifica a sensação de júbilo e de vida experimentada pelo leitor no processo colaborativo de diálogo com o texto literário. A primeira linha escrita da primeira página ordena o caos do inciado que a precede. O leitor da literatura passa a existir na primeira palavra da primeira linha. É o batismo repetido em cada novo volume. Mais do que o toque no livro virgem, mais do que a curiosidade entregue e submissa ao enredamento das palavras, o encontro com o livro tem o vigor da paixão de “uma mulher com seu amante”, como demonstrou Clarice Lispector em “Felicidade clandestina”. Tântatos, Eros ou Marte, entidades regentes desse humano leitor, incompletas mesmo que combinadas, esperam pela chegada de Atena, a filha predileta de Zeus, deus dos deuses. Segundo Hegel, é dela a voz da razão, que explica a história. Mais do que isso, ela mostra que a história não existiu em vão.

Esse panteão é apenas uma forma figurada, com quês de erudição e perífrases, para declarar, no papel e na tinta, que a leitura da literatura se justifica numa relação intensa, arriscada e imprevisível entre o leitor e o texto. Os porquês de lermos e de integrarmos em nós a literatura variam. O que não muda é a certeza de que a ausência de literatura provoca nas pessoas a morte de suas qualidades mais nobres e mais humanas, quais sejam: a de compreender as belezas da vida e a riqueza das pessoas vivas, transitando pelas linhas do livro aberto, sob os olhos do leitor amoroso.

LEER PARA NO MORIR

Marta Morais da Costa

Me acuerdo cuánto me impresionó la entrevista de João Gilberto Noll, hace algunos años, cuando preguntado sobre la razón por la cuál escribía, contestó “Escribo para no morir”.

Cómplice del escritor, el lector (rima que la lengua, tal como la Moira griega, destinó para universal y perenne concierto) también lee para no morir.

Antes que pienses, lector desavisado, que estoy impregnada de pensamientos fúnebres, depresiva y con el pie en el hoyo, esclarezco que asumo la lectura como forma de huir de la muerte metafórica porque me identifico y concuerdo con las palabras del escritor, que transformé en mi proyecto de vida y profesión. Pero hay muchas maneras de morir metafóricamente.

El analfabetismo es la muerte en vida y, para la vida cultural más refinada-elevada, leer es vida afirmativa. La verdadera literatura es la revitalización de la lengua, es discurso renacido en cada obra que trasciende la mediocridad y el pasmo del lugar-común, de la ausencia de descubrimientos en la y por la intervención de la palabra. ¿Te acuerdas de aquella joya poética de Oswald de Andrade que es el poema “3 de

maio”? Antigua fecha conmemorativa del descubrimiento de esa isla gigante y robada hasta hoy, que es Brasil, ésa fue la fecha conmemorativa de la efeméride, antes de la corrección impuesta por la Reforma Gregoriana del calendario en 1582. Acuérdate conmigo el poema de Oswald de Andrade : “Con mi hijo de diez años aprendí/ que la poesía es el hallazgo/ de las cosas que nunca vi”. Esa percepción adánica y vicaria de la fuerza poética se repite en cada palabra, página y texto de la literatura. Renacemos en nosotros mismos en los encuentros con lo nunca visto - aunque ya intuido – personaje con el enredo renovado, con otras perspectivas de explicación para lo real, para el hoy y para lo posible.

El lector de la literatura escapa de la muerte cerebral, pues la literatura le activa en el cerebro el hemisferio izquierdo, el del lenguaje, causando allí una tonificación de las neuronas por la técnica del desafío: “Descíframe o te atrofia” parece advertir el esfíngico texto experimental. “Descíframe o te insensibilizo” clama el texto introspectivo. ‘Descíframe o te cosífico’, clama el texto social. ‘Descíframe o te descentro’, concluye la narrativa histórica.

Estar a un paso de esas muertes, presionado por los llamados y alertas de esos textos plurales constituye el sino del lector de literatura. En cada nuevo texto, se repite la aventura de lo desconocido: las primeras páginas de una novela, las primeras líneas de un poema, un lector en desconcierto, tanteando en busca del reconocimiento y procesando informaciones en alta velocidad y alto voltaje. Antes que el aire le desaparezca de los pulmones, el oxígeno salvador del repertorio, el horizonte de lecturas anteriores le devuelve el color a las mejillas y le pone los pies en el suelo. Identifica aquí y allí fragmentos de experiencias anteriores, empieza a penetrar con brújula y mapa el territorio por desbravar, y que le había parecido de comienzo tan inexpugnable. Pasado el momento del asombro,

el texto empieza a perder sus sombras y la luz penetra entre las páginas y el lector toma posesión de la tierra y sus vacíos.

Ese juego de quiebras momentáneas de los sentidos intensifica la sensación de júbilo y de vida experimentada por el lector en el proceso colaborativo del diálogo con el texto literario. La primera línea escrita de la primera página pone en orden el caos de lo no-creado que la precede. El lector de la literatura pasa a existir en la primera palabra de la primera línea. Es el bautismo repetido a cada nuevo volumen. Más que el toque en el libro virgen, más que la curiosidad entregue y sumisa al enredamiento de las palabras, el encuentro con el libro tiene el vigor de la pasión de “una mujer con su amante”, como demostró Clarice Lispector en “Felicidade clandestina”. Tanatos, Eros o Marte, entidades regentes de ese humano lector, incompletas aunque conciliadas, esperan por la llegada de Atena, la hija predilecta de Zeus, dios de los dioses. Según Hegel, es de ella la voz de la razón, que explica la historia. Más que eso, ella muestra que la historia no existió en vano.

Ese panteón es solamente una forma figurada, con qués de erudición y perífrasis, para declarar, en el papel y en la pintura, que la lectura de tal literatura se justifica en una relación intensa, arriesgada e imprevisible entre el lector y el texto. Los porqués de leer y de integrar en nosotros la literatura varían. Lo que no cambia es la certeza de que la ausencia de literatura provoca en las personas la muerte de su cualidad más noble y más humana: la de comprender las bellezas de la vida y la riqueza de las personas vivas, caminando por las líneas del libro abierto, bajo los ojos del lector amoroso.

EDWARD MORGAN FORSTER, *MAURICE* E UMA PONDERAÇÃO

Paulo Roberto Sodré

1. Um episódio: Em sua biblioteca cabiam com elegância as antigas estantes de madeira de lei. Uma gravura com mar e vento cortados por navio a vela sinalizava o lugar da escrivaninha por sobre a qual se espalhavam manuscritos amarelados e papéis datilografados, com projetos recentes e adiados de narrativas e poemas. Uma janela falava de claridade, varanda e acácias. Enquanto recendiam as xícaras de café, uma expectativa bulia os nervos dos óculos: o empréstimo do livro da Penguin.

Dois estudantes de Cambridge, numa envernizada Inglaterra de tradição vitoriana, hesitam entre sentir platonicamente ou praticar sensualmente o amor entre iguais: eis algo como o sumo do romance de Forster, *Maurice*, de 1914. A decisão do rapaz, a despeito de tantas convenções e pressões de toda ordem, marca a lucidez a que se pode chegar diante da natureza múltipla e incontornavelmente humana – passe a aparente redundância – dos homens. Ao colocar Maurice numa posição de ruptura com a conveniência, não apenas de ordem sexual, mas inclusive social – já que a personagem assume sua relação amorosa com Alec Scudder, um guarda-caças estrangeiro –, Forster sugere que um homem é capaz de

refazer sua história e inspira seu leitor a redimensionar suas decisões em face de si mesmo, da sua família, dos amigos, da sociedade.

Devolvi, então, o livro, que dura ainda como ontem e amanhã.

2. Uma ponderação: Se vários outros livros – de Lins do Rego, Woolf, Trevisan (o João), Cervantes, Autran ou Baldwin – haviam me dado já a certeza de que ler joga com uma delicadíssima percepção e compreensão do que sou como leitor (com os quatro pontos cardeais de seu sentido) e do que pode ser o mundo em sua imensidão de enigmas prontos a nos romper, Forster e seu *Maurice* deram-me, aos 20 e poucos anos, a experiência de que um texto literário logra propiciar a quem lê a chance de um passo mais nítido e pessoal na elaboração dos próprios dias, dos próprios valores, do próprio olhar para questões muitas vezes encravadas ora na dor, ora no ignorar, ora na hesitação que trava o possível contentamento de estar, despojadamente, na vida.

Ademais de sermos homens lúdicos – como detectou Huizinga, o que nos aproxima muito do jogo de côncavos e convexos do texto artístico, em geral, e do literário¹, em particular –, somos demandadores de respostas não raro inacessíveis, distantes, às vezes, do que as ciências da precisão oferecem ou do que o divã de alguma terapia ocasiona. Entre uma frase e outra, entre um capítulo e outro de um livro, esboços das próprias respostas rompem o pensamento e o sentimento e estimulam a ação. Assim, as travas são fragilizadas; os preconceitos, postos em relatividade; os receios, diluídos no enfrentar as ruas, os grupos, as regras, os alçozes do que ainda resta de subjetividade e livre escolha.

¹ E “literário” aqui significa “um tipo de escrita altamente valorizada” por certos grupos em certa época. EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 11.

Decerto, num momento (não creio que novo) em que conversar sobre literatura lembra mais uma competição de crianças – “quantos livros por mês”, perguntam ou respondem os de índole estatística e de *timing* expresso, mal se lembrando de que às vezes um texto lido e compreendido lenta e profundamente em um mês pode valer por dezenas – ou um jogo de memória, para citações e pose de eruditos, o ato de nos deixarmos levar por prosa ou verso que nos torne preconceituosos menos arrogantes, consumistas menos condicionados ou egotistas menos mesquinhos tem-se tornado raro.

Sabe-se, imagino que a contento, que importa ler literatura, porque, para além de ajudar o homem a fruir mais do ócio (Aristóteles já dizia que “as distrações [...] se contam entre as coisas agradáveis, pois nada disto se faz por necessidade”²), ajuda na produção de frases melhores, de vocabulário menos indolente, de raciocínios mais sutis. É verdade também que a literatura aproxima a memória do leitor do conjunto de representações que se fez dos vários passados (*Odisseia*, *Cantigas de Santa Maria*, *Dom Quixote*, “O navio negreiro”, *Quem tem medo de Virginia Woolf*...); assim como das ideias e valores preconizados em certo momento da história (a cortesia de Lancelot, o cavaleiro da charrete, o colonialismo de *Os lusíadas*, o nacionalismo de *Folhas de relva*, o modernismo de “Ode triunfal”, o comunismo de *Capitães da areia*, o consumismo de *Kitty aos 22: divertimento*). Devo admitir, contudo – e a despeito da ingenuidade ou idealismo desta posição –, que a leitura de um texto literário (ou de qualquer outro texto artístico) importa, sobretudo, quando por meio dele dá-se a surpresa de ser (Fernando Pessoa). Como algumas pessoas e as conversas que elas trazem, em momentos tão inesperados

² ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005. p. 134.

quanto fasciantes de afinidade e encantamento, deparar um livro (aqui volto ao *Maurice* e a tantos outros) e conviver com ele por algum tempo podem criar passagens inestimáveis no modo como elaboramos a vivência e, nestes tempos de mal-estar, de uma quase digna sobrevivência.

EDWARD MORGAN FORSTER, *MAURICE* Y UNA PONDERACIÓN

Paulo Roberto Sodré

1. Un Episodio: En su biblioteca cabían con elegancia las antiguas estantes de madera de ley. Un dibujo con el mar y el viento cortados por barco a vela señalaba el lugar del escritorio por sobre el cual se esparcían manuscritos amarillentos y papeles mecanografiados, con proyectos recientes y adiados de narrativas y poemas. Una ventana hablaba de claridad, balcón y acacias. Mientras exhalaban las tazas de café, una expectativa mec a los nervios de las lentes: el préstamo del libro de la Penguin.

Dos estudiantes de Cambridge, en una barnizada Inglaterra de tradición vitoriana, hesitan entre sentir plat nicamente o practicar sensualmente el amor entre iguales: aquí está algo como el zumo de la novela de Forster, *Maurice*, de 1914. La decisión del muchacho, a despecho de tantas convenciones y presiones de todo el orden, marca la lucidez a que se puede llegar delante de la naturaleza múltiple e ineludiblemente humana - pase la aparente redundancia - de los hombres. Al poner a Maurice en una posición de ruptura con la conveniencia, no sólo de orden sexual, sino también social - ya que el personaje asume su relación amorosa con Alec

Scudder, un guarda-cazas extranjero –, Forster sugiere que un hombre es capaz de rehacer su historia e inspira a su lector a cambiar sus decisiones frente a sí mismo, a su familia, a sus amigos, a la sociedad.

Devolví, entonces, el libro, que dura todavía como ayer y mañana.

2. Una ponderación: Si varios otros libros – de Lins do Rego, Woolf, Trevisan (João), Cervantes, Autran o Baldwin – ya me habían dado la certeza de que leer juega con una delicadísima percepción y comprensión de lo que soy como lector (con los cuatro puntos cardinales de su sentido) y de lo que puede ser el mundo en su inmensidad de enigmas listos a rompernos, Forster y su *Maurice* me dieron, a los 20 y pocos años, la experiencia de que un texto literario logra propiciar a quien lo lee la ocasión de un paso más nítido y personal en la elaboración de los propios días, de los propios valores, de la propia mirada para cuestiones muchas veces enclavadas ora en el dolor, ora en el ignorar, ora en la hesitación que impide el posible contentamiento de estar, despojadamente, en la vida.

Además de ser hombres lúdicos – como detectó Huizinga, lo que nos aproxima mucho del juego de cóncavos y convexos del texto artístico, en general, y del literario¹, en particular –, somos demandadores de respuestas no raro inaccesibles, distantes, a veces, de lo que las ciencias de la precisión ofrecen o de lo que el diván de alguna terapia ocasiona. Entre una frase y otra, entre un capítulo y otro de un libro, bosquejos de las propias respuestas rompen el pensamiento y el sentimiento y estimulan la acción. Así, los cierres son fragilizados; los prejuicios, puestos en relatividad; los recelos, diluidos al

¹ Y “literario” aquí significa “un tipo de escrita altamente valorizada” por ciertos grupos en cierta época. EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 11.

afrontar las calles, los grupos, las reglas, los verdugos de lo que todavía resta de subjetividad y libre elección.

Con seguridad, en un momento (no creo que nuevo) en que hablar sobre literatura evoca más bien una competición de niños – “Cuántos libros por mes”, preguntan o contestan los de índole estadística y de *timing* expreso, mal acordándose de que a veces un texto leído y comprendido lenta y profundamente en un mes puede valer por decenas – o un juego de memoria, para citaciones y pose de eruditos, el acto de dejarnos llevar por prosa o verso que nos haga prejuiciosos menos arrogantes, consumistas menos condicionados o egotistas menos mezquinos se ha vuelto raro.

Se sabe, me imagino que a contento, que importa leer literatura, pues, además de ayudar al hombre a disfrutar más el ocio (Aristóteles ya decía que “las distracciones [...] se cuentan entre las cosas agradables, pues nada de esto se hace por necesidad”)², también ayuda en la producción de frases mejores, de vocabulario menos indolente, de raciocinios más sutiles. También es verdad que la literatura aproxima la memoria del lector del conjunto de representaciones que se hizo de varios pasados (*La Odisea*, *Cantigas de Santa María*, *Don Quijote*, “El navío negrero”, *Quién teme a Virginia Woolf.*); así como de las ideas y valores preconizados en determinado momento de la historia (la cortesía de Lancelot, el caballero del carruaje, el colonialismo de *Los lusíadas*, el nacionalismo de *Hojas de hierba*, el modernismo de “Ode triunfal”, el comunismo de *Capitanes de la arena*, y el consumismo de *Kitty a los 22: divertimento*). Debo admitir, sin embargo – y a despecho de la ingenuidad o idealismo de esta posición – , que la lectura de un texto literario (o de cualquier otro texto

² ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005. p. 134.

artístico) importa, sobre todo, cuando por su intermedio se da la sorpresa de ser (Fernando Pessoa). Como algunas personas y las charlas que ellas traen, en momentos tan inesperados cuanto chispeantes de afinidad y encantamiento, deparar un libro (aquí vuelvo a *Maurice* y a tantos otros) y convivir con él por algún tiempo puede crear pasajes inestimables en la manera como elaboramos la vivencia y, en estos tiempos de mal estar, de una casi digna sobrevivencia.

COM A PALAVRA, O ALUNO – O JOVEM E A LEITURA

Ricardo André da Costa

A leitura é um dos propiciadores de maior desenvolvimento intelectual. O hábito de ler cria no indivíduo uma ampla análise crítica dos diversos assuntos, capacita o processo de interpretação de ideias e forma cidadãos com opiniões precisas sobre os problemas enfrentados na sociedade. No entanto esse comportamento não tem sido privilegiado pelos jovens em seu cotidiano, desencadeando uma geração despreocupada com o seu progresso social e cultural.

Uma pesquisa realizada pelo instituto educacional Anglo, com 18.577 estudantes do ensino médio da rede particular, ratificou que apenas 42,1 % leram livros além das indicações solicitadas pela escola, enquanto 57,9 % não se interessaram por tal ato. O que acontece é que, com o avanço tecnológico, os jovens têm se apegado ao que aparenta ser mais fácil e prático, retardando os níveis de expansão gradual da mente.

A professora de pedagogia da Universidade Metodista de São Paulo, Edna Maria Barian Perrotti, explica que a imagem visual de aparelhos eletrônicos, como a televisão e o computador, acaba sendo um estímulo maior do que os livros, que possuem

uma linguagem mais formal e criteriosa, fazendo com que, em vez de procurar crescer através da cultura literária, busque-se conhecimento em fontes como *sites* de busca, realizando as pesquisas com mais praticidade.

Segundo o aluno do terceiro ano de Rádio e TV da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Ricardo Antônio di Santi Barbosa de Almeida, a leitura de livros não faz parte de seu cotidiano por não ter criado o costume de fazê-la. E hoje, com a ajuda da internet, ele simplifica a procura por textos para usar em trabalhos, alegando, como muitos outros jovens, não ter tempo para ler.

As conseqüências que a falta de leitura pode trazer são fatores como a dificuldade de interpretar ideias, ficando-se sujeito a ser enganado e manipulado, já que não possuirá capacidade de discernir o certo do errado, tendo negados seus direitos como cidadão sem ao menos perceber. Outro ponto é que ler significa ter amplitude para comunicar-se em todas as áreas, quem não o faz se isola do mundo e não tem conteúdo suficiente para continuar nem mesmo este texto.

Vemos a importância desse tema na citação do poeta gaúcho Mário Quintana, “o verdadeiro analfabeto é aquele que sabe ler, mas não lê”, ou seja, tornam-se ignorantes todos os que têm acesso a essa prática, mas não a utilizam adequadamente. Diminui-se assim a assimilação dos mais distintos pensamentos que um livro pode conter, perdendo a aptidão para defender suas teses perante as polêmicas que se apresentam na sociedade atual. Para que o desejo pela leitura faça parte do meio jovem, é preciso incentivo familiar e escolar, o que possibilitará o crescimento cultural e o desempenho para almejada prática.

CON LA PALABRA, EL ALUMNO – EL JOVEN Y LA LECTURA

Ricardo André da Costa

La lectura es uno de los agentes de mayor desarrollo intelectual. El hábito de leer crea en el individuo un amplio análisis crítico de los diferentes asuntos, capacita el proceso de interpretación de ideas y forma ciudadanos con opiniones precisas sobre los problemas afrontados en la sociedad. Sin embargo, ese comportamiento no ha sido privilegiado por los jóvenes en su cotidiano, desencadenando una generación despreocupada con su progreso social y cultural.

Una encuesta realizada por el instituto educacional Anglo, con 18.577 estudiantes de la enseñanza media de la red privada, ratificó que sólo el 42.1 % había leído libros más allá de las indicaciones solicitadas por las escuelas, mientras el 57.9 % no se interesaba por tal hecho. Lo que pasa es que con el desarrollo tecnológico los jóvenes se han aficionado a lo que parece ser más fácil y práctico, retardando los niveles de expansión gradual de la mente.

La profesora de pedagogía de la Universidad Metodista de São Paulo, Edna Maria Barian Perrotti, explica que la imagen visual de los aparatos electrónicos, como la televisión y la computadora, pasa a ser un estímulo mayor que los libros,

que poseen un lenguaje más formal y criterioso, haciendo que, en lugar de buscar crecer por medio de la cultura literaria, busquen conocimiento en fuentes como sitios de busca, realizando sus investigaciones con más practicidad.

Según el alumno del tercer año de Radio y Tele de la Universidad de São Caetano do Sul, Ricardo Antônio di Santi Barbosa de Almeida, la lectura de libros no forma parte de su cotidiano por no haber creado la costumbre de hacer eso. Y hoy con la ayuda de la internet, simplifica la busca de textos para usarlos en los trabajos, alegando, como muchos otros jóvenes, no tener tiempo para leer.

Entre las consecuencias que la falta de lectura puede traer está la dificultad de interpretar ideas, quedándose uno sujeto a ser engañado y manipulado, ya que no poseerá la capacidad de discernir lo correcto de lo equivocado, perdiendo sus derechos como ciudadano sin que lo perciba siquiera. Asimismo leer significa tener amplitud para comunicarse en todas las áreas, quien no lo ejerce se aísla del mundo y no tiene suficiente contenido siquiera para continuar este mismo texto.

Vemos la importancia de ese tema en la citación del poeta Mário Quintana, “el verdadero analfabeto es aquél que sabe leer, pero no lee”, o sea, se hacen ignorantes todos los que tienen acceso a esa acción pero no la utilizan adecuadamente. Disminuye, de esa manera, la asimilación de los más distintos pensamientos que un libro puede contener, perdiendo la aptitud para defender sus tesis delante de las polémicas que se presentan en la sociedad. Para que el deseo por la lectura forme parte del medio joven, es necesario el incentivo familiar y escolar, lo que posibilitará el crecimiento cultural y el desempeño por la anhelada práctica.

POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA

Santinho Ferreira de Souza

A literatura são cenários humanos que se recortam e entrecruzam. Quando o livro se abre e a leitura se faz, é como se esse movimento se desdobrasse em pegadas, umas e outras, conforme seja a envergadura de quem as olha ou configura, ou de um outro que lhes dá contorno, por isso, não se sabe onde e como se fazem ou se desfazem, ou por que se multiplicam e emergem de pontos movediços.

Gosto muito da metáfora *quando não leio, é como se estivesse sem as chaves no bolso*. Não sei quem a cunhou, sei que gosto dela e de que a reinscrevo ordinariamente. Há sempre algo na literatura – muitas vezes não sabemos de onde vem – que nos alicia e fisga. Não se pode afirmar se foi o escritor que deu o primeiro compasso, tampouco se o leitor; a idéia é que pelo menos veio a um e a outro. Não que as chaves me venham trazer a resposta. O virar-a-chave-e-abrir-a-porta implica a entrada em um outro limiar, e só sei o que vem depois da aventura, quando dou o passo para o outro lado; algo assim é acontecimento: não sei se fora ou dentro. Mas, dado o passo, não estou certo do que sei, do que confirmei, posso me esgueirar por outros caminhos. É como um labirinto. É o tempo, que conta outros espaços indecifrados, nascidos de

origem randômica. *Como se não estivesse com as chaves no bolso*, mas... o tema da busca está consagrado, como está também o da ruptura; o da resistência e o da insurgência, parece-me, apontam mais agudamente para o que falta; o do labirinto, enigmático, broca a nervura do corpo.

E qual a sua função? A literatura não tem função, não se encerra em si mesma, no entanto, sua importância, exceto a de ser literatura ou a de poder dourar sua atmosfera oblíqua e dissimulada. Como paradoxo, sempre à disposição: olhe-me e decifra-me. E nesse encanto convida os que leem para o ato de rasgar-lhe as entranhas. Sua leitura, então, é um fio que tece a trama que tece o fio. Sua importância, desse modo, não está no que lhe é próprio, sua estrutura e essência, está naquilo que se faz dela. *No efeito* é uma alternativa que conta, porque sua importância pode estar no meio ou numa terceira margem. É natural esse revés, e diria que literatura é o-que-vai-vem, em sua mais íntima, no entanto estendida, expansão dos mistérios, mesmo nas coisas mais cotidianas de ser. Talvez esteja aqui o nascimento do exercício de sua leitura, de um lado e também de outro – a cultura se instaura na unidade do pensamento entre o simples e o intelectualizado. E, qual me surpreende, pode-se garimpar por aqui uma viesada que conduza o movimentar-se fora do próprio círculo.

POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA

Santinho Ferreira de Souza

La literatura son escenarios humanos que se recortan y entrecruzan. Cuando el libro se abre y la lectura se hace, es como si ese movimiento se desdoblase en huellas, unas y otras, según sea la envergadura de quien las mira o configura, o de un otro que les da contorno; por eso, no se sabe dónde y cómo se hacen o se deshacen, o por qué se multiplican y emergen de puntos movedizos.

Me gusta mucho la metáfora *cuando no leo, es como si estuviese sin las llaves en el bolsillo*. No sé quién la acuñó, sólo sé que me gusta y que la reinscribo ordinariamente. Hay siempre algo en la literatura – muchas veces no sabemos de dónde viene – que nos seduce y atrapa. No se puede afirmar si fue el escritor quien dio el primer compás, tampoco si el lector; la idea es que por lo menos vino a uno y a otro. No es decir que las llaves me traen la respuesta. El girar-la-llave-y-abrir-la-puerta significa la entrada a un otro punto, y solamente sé lo que viene después de la aventura, cuando doy el paso al otro lado; algo así es acontecimiento: no sé si afuera o adentro. Pero, dado el paso, no estoy seguro de lo que sé, de lo que confirmé, puedo desviarme por otros caminos. Es como un laberinto. Es el tiempo, que cuenta otros espacios por descifrar, nacidos

de origen aleatorios. *Como si no estuviese con las llaves en el bolsillo*, pero... el tema de la busca está consagrado, como está también el de la ruptura; el de la resistencia y el de la insurgencia, me parece, apuntan más agudamente a lo que falta; el del laberinto, enigmático, broca y nervura del cuerpo.

¿Y cuál es la función? La literatura no tiene función, no se encierra en ella su importancia, excepto la de ser literatura o la de poder dorar su atmósfera oblicua y disimulada. Como paradoja, siempre a disposición: mírame y descíframe. Y en ese encanto invita a los que leen para el acto de romperle las entrañas. Su lectura, entonces, es un hilo que teje la trama que teje el hilo. Su importancia, de esa manera, no está en lo que le es propio, su estructura y esencia, está en aquello que se hace de ella. *En el efecto* es una alternativa que cuenta, porque su importancia puede estar en el medio o en una tercera orilla. Es natural ese revés, y diría que literatura es “o-que-vai-ven”, en su más íntima, aunque extendida, expansión de los misterios, aun en las cosas más cotidianas de ser. Tal vez esté aquí el nacimiento del ejercicio de su lectura, de un lado y también de otro – la cultura se instaura en la unidad del pensamiento entre lo simple y lo intelectualizado. Y, como me sorprende, se puede buscar por aquí un sesgo que conduzca el moverse fuera del propio círculo.

**“SE O RIM PARAR DE FUNCIONAR, SE O
FÍGADO PARAR, ENFIM...” OU
POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA...
E OUTRAS LINGUAGENS...**

Sérgio Rivero

Poderia falar apenas da literatura, mas nesse “momento acadêmico” em que me encontro assumo a responsabilidade de trazer para a reflexão outros universos de criação que, assim como a literatura, merecem ser “lidos”. E, de imediato, pensando na expressão “importância” (de ler a literatura e outras linguagens), vem-me a resposta do poeta Affonso Romano de Sant’Anna a um *e-mail* que lhe enviei, há um certo tempo, ao lhe perguntar o que ele queria mesmo dizer com aquela história de “a arte não tem uma função, a arte é uma função...”, assunto presente no seu livro *Desconstruir Duchamp: arte na hora da revisão* (Vieira&Lent, 2005). A resposta de Sant’Anna veio claríssima no *e-mail* seguinte: “Como em matemática se diz que um número é função do outro, a arte é uma função humana, ‘natural’ e não apenas cultural. Carecemos de produzir símbolos e metáforas, senão morremos”. E o poeta finaliza com o fragmento que uso como título deste texto...

Já temos aí uma razão básica, de fundo existencial, para a importância de produzir e, claro, ler os resultados da criação humana... E, em tempos de novas tecnologias, incluo o tema de minha pesquisa de doutorado, os jogos digitais, dos quais

cobro, digamos assim, uma determinada importância: por que os jogos digitais, com tantos recursos, como a não linearidade e a interatividade em outros níveis de profundidade, por exemplo, ainda não têm contribuído, assim como as mídias tradicionais já o fazem, para o que considero o que de mais importante proporciona a leitura da literatura e de outros objetos artísticos: a transformação do sujeito?

Assim como no livro de Sant’Anna, acredito que coloco o dedo num assunto polêmico. Minha pergunta busca, indiretamente, avaliar os jogos digitais; com isso, busco romper uma certa blindagem em torno da cultura que, hoje, desestimula, de antemão, qualquer questionamento sobre valores estéticos e, com isso, avaliar, por exemplo, o que chamamos de arte.

Mas volto à transformação e, para que o leitor entenda melhor isso, tiro exemplo de texto literário. É a pequena narrativa “A Função do Leitor 2”, inspirada em fatos verídicos, de *O livro dos abraços* (LPM, 2005), de Eduardo Galeano.

Diz o texto que o Capitão José Manuel Castañón, o “herói do exército vitorioso” na Guerra Civil Espanhola, depois de ter lido, por toda uma noite, alguns poemas de Cesar Vallejo, o “poeta dos derrotados”, decidiu na manhã seguinte abandonar o exército de Franco e pagou um preço por isso: foi colocado na cadeia e mais tarde partiu para o exílio na Venezuela.

É possível pensar em transformação a partir do mundo dos games? Normalmente, o grande público reconhece nos jogos digitais um único gênero: os chamados First Person Shooter (jogo de tiro em primeira pessoa), sendo esses jogos diretamente associados aos atentados realizados por jovens *serial killers* (Columbine, Virginia Tech etc.).

A questão é que se pode fazer um livro, um filme sobre qualquer tema, mas um jogo sobre um assunto “pesado”

sempre atrairá muita rejeição. A interatividade proporciona ao jogador/leitor a possibilidade de, mais do que assistir, ser virtualmente, por exemplo, um assassino.

Mas, qual seria o problema?... Os jogos digitais, em vez de se prenderem nas chamadas micronarrativas (matar, matar, matar...), poderiam ir bem além e buscar atingir o jogador/leitor no nível de sua individualidade, como deve ser mesmo, “essencialmente livre de determinantes sociais”, segundo Jonathan Culler em seu livro *Literary Theory: a very short introduction* (Oxford Press, 2000).

Produtos artísticos, e aí incluo meu tema de pesquisa, não são instrumentos didático-pedagógicos naturais; embora possam ser usados, por exemplo, numa aula, não têm o propósito de educar ninguém. As histórias, segundo Culler, podem: “[...] nos ajudar a sermos sujeitos abertos [liberais] [...]. [...] o enredo vai estimular a análise de complexidades sem a pressa de um julgamento, envolvendo a mente em questões éticas, induzindo os leitores a examinarem condutas (inclusive as suas próprias) [...]. Ele [o enredo] promove o desinteresse, ensinando sensibilidades, afinando discriminações, produzindo identificações com homens e mulheres de outras condições, portanto promovendo um companheirismo [solidariedade]”¹.

O artista vê no ínfimo a exuberância, já dizia Manoel de Barros; digital ou analógica, a arte tem a suma importância de transformar as visões sobre o instituído... e nos transformar juntos.

¹ “[...] help us to become liberal subjects [...]. [...] the argument goes, by encouraging consideration of complexities without a rush to judgement, engaging the mind in ethical issues, inducing readers to examine conduct (including their own) [...]. It promotes disinterestedness, teaches sensitivity and fine discriminations, produces identifications with men and women of other conditions, thus promoting fellow-feeling” (tradução minha).

“SI LOS RIÑONES PARAN DE FUNCIONAR SI EL HÍGADO PARA, AL FIN...” O POR QUÉ ES IMPORTANTE LEER LITERATURA... Y OTROS LENGUAJES

Sérgio Rivero

Podría hablar sólo de la literatura, pero en ese “momento académico” en que me encuentro asumo la responsabilidad de traer a la reflexión otros universos de la creación, que así como la literatura, merecen ser “leídos”. Y, luego, pensando en la expresión “importancia” (de leer la literatura y otros lenguajes), me ocurre la respuesta del poeta Affonso Romano de Sant’Anna a un correo electrónico que le envié, hace algún tiempo, cuando le pregunté qué realmente quería decir con aquello de “el arte no tiene ninguna función, el arte es una función...”, asunto presente en su libro *Deconstruir Duchamp: el arte a la hora de la revisión* (Vieira & Lent, 2005).

La respuesta de Sant’Anna me vino muy clara en el correo siguiente: “Como en las matemáticas se dice que el número es una función del otro, el arte es una función humana, “natural” y no sólo cultural. Necesitamos producir símbolos y metáforas, si no lo hacemos morimos”. Y el poeta finaliza con el fragmento que utilizo como título de este texto...

Ya tenemos una razón básica, de fondo existencial para la

importancia de producir y, por supuesto, leer los resultados de la creación humana... Y, en tiempos de nuevas tecnologías, incluyo el tema de mi investigación doctoral -los juegos digitales – en que cobro, por decirlo así, una especial importancia: ¿por qué los juegos digitales, con tantos recursos, como la no linealidad y la interactividad en otros niveles de profundidad, por ejemplo, todavía no han contribuido, así como los medios tradicionales ya lo hacen, para lo que considero lo más importante que ofrece la lectura de la literatura y de otros objetos artísticos: ¿la transformación del sujeto? Así como en el libro de Santa’Ana, creo que pongo el dedo sobre un tema controvertido. Mi pregunta busca, indirectamente, evaluar los juegos digitales; con eso, trato de romper un cierto blindaje alrededor de la cultura, que hoy, desalienta de antemano cualquier cuestionamiento sobre los valores estéticos y, con ello, evaluar, por ejemplo, lo que llamamos arte.

Pero, vuelvo a la transformación y, para que el lector entienda mejor eso, saco ejemplos del texto literario. Es el pequeño relato “La función del Lector 2”, inspirado en hechos reales, del *El libro de los abrazos* (LFC, 2005), de Eduardo Galeano.

Dice el texto que el capitán José Manuel Castañón, el “héroe del ejército victorioso” en la Guerra Civil Española, después de leer durante toda una noche algunos de los poemas de César Vallejo, el “poeta de los derrotados”, decidió dejar a la mañana siguiente el ejército de Franco y pagó un precio por ello: fue encarcelado y más tarde se exilió en Venezuela.

¿Es posible pensar en la transformación desde el mundo de los juegos? Normalmente, el gran público reconoce en los juegos digitales un único género: los llamados First Person Shooter (juego de disparos en primera persona), juegos que están directamente vinculados a los ataques realizados por los jóvenes asesinos en serie (Columbine, Virginia Tech, etc.).

La cuestión es que se puede hacer un libro, una película sobre cualquier tema, pero un juego sobre un asunto ‘pesado’ siempre atraerá mucho rechazo. La interactividad le da al jugador/lector la posibilidad de, más que ver, ser virtualmente, por ejemplo, un asesino.

Pero, ¿cuál sería el problema?... Los juegos digitales, en lugar de unirse a las llamadas micro-narrativas (matar, matar, matar...), podrían ir mucho más allá y tratar de lograr que el jugador/lector en el ámbito de su individualidad, como debe ser realmente, “esencialmente libre de determinantes sociales”, según Jonathan Culler en su libro *Literary Theory: a very short introduction* (Oxford Press, 2000).

Productos artísticos, y ahí incluyo a mi tema de investigación, no son instrumentos didáctico-pedagógicos naturales; aunque se pueden utilizar, por ejemplo, en clase, no tienen el propósito de educar a nadie. Las historias, según Culler, pueden “[...] ayudarnos a ser sujetos abiertos [liberales] [...]. [...] la trama estimulará el análisis de complejidades sin la prisa de un juicio, involucrando la mente en las cuestiones éticas, lo que lleva a los lectores a examinar los comportamientos (incluido el propio) [...]. [La trama] promueve el desinterés, enseñando sensibilidades, afinando las discriminaciones, produciendo identificaciones con los hombres y mujeres de otras condiciones, promoviendo así la solidaridad”¹.

El artista ve en lo ínfimo la exuberancia, ya lo decía Manoel de Barros; digital o analógico, el arte tiene la suma importancia de transformar puntos de vista sobre lo instituido... y de transformarnos juntos.

¹ “[...] help us to become liberal subjects [...]. [...] the argument goes, by encouraging consideration of complexities without a rush to judgement, engaging the mind in ethical issues, inducing readers to examine conduct (including their own) [...]. It promotes disinterestedness, teaches sensitivity and fine discriminations, produces identifications with men and women of other conditions, thus promoting fellow-feeling” (traducción mía).

UM TEXTO QUE ME FALA

Silvana Pinheiro

Viro a última capa do livro de Saramago, *A maior flor do mundo*. Incomum, porque é como livro de criança. Ele, autor laureado com o Prêmio Nobel de 1998, alto representante da literatura portuguesa, mundialmente importante e considerado um escritor sério.

Abro mais uma vez o livro, também cheia de seriedade e interrogações. A fome de deglutir o texto ainda não se esgotou em mim, e não consigo deixá-lo.

O narrador disfarçado de escritor ou o escritor, de narrador, não sei, inclui-me num jogo fascinante desde o primeiro parágrafo, em busca de uma história, que em algum tempo ele diz inventou.

Tal história é suficientemente adiada pela irônica modéstia de quem conta. Vem a desculpa de não saber escrever histórias para crianças, leitores virtuais do livro. A protelação para chegar à narrativa do menino prenunciado nas imagens, a partir da capa, ainda gera a mesma doce angústia da espera prazerosa da primeira leitura. O prazer não é futuro, no entanto, já é, já foi, desde quando coloquei as mãos e os olhos no livro, com as imagens intrigantes de João Caetano.

Em algum momento, lembro-me da felicidade clandestina de Clarice e da menina que escondia o livro *Reinações de Narizinho* só para achá-lo depois e manter acesa a sensação de ser feliz com ele. Parece que Saramago produz esse efeito no texto, brincando de esconder a história, já uma vez achada, mas que volto a procurar.

Acho-a de novo e o reencontro aumenta nossa intimidade. O texto se mostra devagarinho, como se ainda desconhecido, e traz uma narrativa simples, que, de tão simples, se agiganta, sem temer o inusitado, por onde trafega um menino em sua relação com uma flor minguante, recentemente encontrada, que ele ama e quer ver sobreviver. Assim, faz intermináveis viagens em busca de pequenas porções de água, trazidas a mão, que a alimentam pouco a pouco. Até vê-la grande e, cansado, abrigar-se sob sua sombra agradecida.

Vejo-me achando que, antes de mais nada, talvez pela força da necessidade de compartilhar tudo isso que você lê agora, essa relação remete ao meu contato com os livros, de que tenho um exemplar interessante nas mãos. Traço, de algum tempo, um passeio de ir e vir regar pouco a pouco um projeto pessoal de leitura, que é sempre um abrigo, uma morada permanentemente provisória.

E, pensando nisso, não deixo de constatar que é o texto literário, escrito com qualidade estética, assim como esse que tenho sob os olhos, que torna o caminho da leitura mais aprazível, mesmo que eu tenha contato com tantos diferentes tipos de textos outros, que fruo e usufruo nas minhas convivências.

É a literatura, arte da palavra, que tem esse *link* com o prazer mais facilmente acessível, porque trata do ser humano, não falando dele apenas, mas sendo-o, em todas as suas dicções e contradições. O texto literário não fala sobre mim: ele me fala de, me mostra, me agrega a tramas, histórias, brinquedos de palavras e poemas que me espelham.

Daí, impossível prescindir da leitura da literatura, porque viver e ler, ao final, são faces sobrepostas de um mesmo objeto inacabado, a busca das razões de nós mesmos, dos outros, de tantos outros que desejamos conhecer e amar e que vão participando de nós.

Volto à história da flor. Faço e refaço os caminhos dos últimos parágrafos do livro e finjo terminar sua leitura, que nunca termina de fato. Mas fica a sensação de ser feliz.

Não, não dá pra esconder mesmo essas palavras bem arrumadas nas folhas dos livros, pelo menos esconder tanto que não se possa achá-las. O esconde-esconde, bem representado na narrativa de Saramago, é só de brincadeira, faz parte do jogo de fazer parte. Quero mesmo é achar a história, a minha história, portanto.

UN TEXTO QUE ME HABLA

Silvana Pinheiro

Volteo la última tapa del libro de Saramago, *La flor más grande del mundo*. Poco común, porque es como libro de niño. Él, autor laureado con el Premio Nobel de 1998, alto representante de la literatura portuguesa, mundialmente importante y considerado un escritor serio.

Una vez más abro el libro, también con mucha seriedad e interrogaciones. Las ganas de deglutir el texto aún no me agotan, y no consigo dejarlo.

El narrador disfrazado de escritor o el escritor, de narrador, no lo sé, me incluye en un juego fascinante desde el primer párrafo, en busca de una historia, que en algún tiempo dice que inventó.

Tal historia es suficientemente postergada por la irónica modestia de quien la cuenta. Y aparece la disculpa de no saber escribir historias para niños, lectores virtuales del libro. La prorrogación para llegar a la narrativa del niño pronunciado en las imágenes a partir de la tapa, aún genera la misma dulce angustia de la espera placentera de la primera lectura. Sin embargo, el placer no es futuro, ya es, ya fue, desde el instante en que puse las manos y los ojos en el libro, con las imágenes intrigantes de João Caetano.

En algún momento, recuerdo la felicidad clandestina de Clarice y de la niña que escondía el libro *Reinações de Narizinho*, sólo para encontrarlo después y mantener viva la sensación de ser feliz con él. Parece que Saramago viabiliza ese efecto en el texto, jugando a esconder la historia, que ya fue encontrada, pero que vuelve a buscar.

La encuentro de nuevo y el reencuentro aumenta nuestra intimidad. El texto se desvela despacito, como si fuera aún desconocido, y trae una narrativa simple, que, de tan simple, se agiganta, sin temer lo inusitado, por donde transita un niño en su relación con una flor menguante, recientemente encontrada, que él ama y quiere que sobreviva. Así, hace interminables viajes en busca de pequeñas porciones de agua, traídas a mano, que la alimentan poco a poco. Hasta verla grande y, cansado, abrigarse bajo su sombra agradecida.

Me veo pensando que, más que nada, tal vez por fuerza de la necesidad de compartir todo lo que lees ahora, esa relación remite a mi contacto con los libros, de que tengo un ejemplar interesante en las manos. Trazo, desde hace algún tiempo, un paseo de ir y venir, regar poco a poco un proyecto personal de lectura, que es siempre un abrigo, una morada permanentemente provisoria.

Y pensando en eso, no dejo de constatar que es el texto literario, escrito con tal calidad estética, como este que tengo bajo mis ojos, que hace el camino de la lectura más placentero, aunque tenga contacto con tan diferentes tipos de textos, que disfruto en mis convivencias.

Es la literatura, arte de la palabra, que tiene ese *link* con el placer más asequible, porque trata del ser humano, no hablando de él solamente, sino siendo ese ser humano, en todas sus dicciones y contradicciones. El texto literario no habla sobre mí sino que me toca, me muestra, me agrega a

las tramas, historias, juegos de palabras y poemas que me reflejan.

Por ello, es imposible prescindir de la lectura de la literatura, porque vivir y leer, al fin y al cabo, son caras superpuestas de un mismo objeto inacabado, la busca de las razones de nosotros mismos, de los otros, de tantos otros que deseamos conocer y amar y que van participando de nosotros.

Vuelvo a la historia de la flor. Hago y rehago los caminos de los últimos párrafos del libro y simulo terminar su lectura, que jamás termina, de hecho. Sin embargo, queda la sensación de ser feliz.

No, no es posible esconder de verdad esas palabras bien encajadas en las hojas de los libros, por lo menos esconderlas tanto que no se pueda encontrarlas. El escondite, bien representado en la narrativa de Saramago, es sólo broma, forma parte del juego de formar parte. Lo que quiero realmente es encontrar la historia, la mía, nomás.

POR QUE LER LITERATURA É IMPORTANTE

Sylvia Maria Trusen

A moda de D. Benta ler era boa. Lia diferente dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje (LOBATO, 1967, p. 191).

Começo, pois, recordando uma experiência de leitura: Dona Benta, cabelos brancos presos em coque, diante de três crianças – uma delas com grande laço de fita sobre a cabeça. Pousando o queixo sobre o punho, tinham os olhos fixos em direção ao livro que a velha segurava. Dela, devia provir a voz. Como a que me desfiava a história retirada daquelas páginas recobertas de enigmáticos traços. Diante de mim, a boca murmurando as palavras, que ainda ocupavam a noite do quarto. E a capa do livro: um enorme rosto de menina, do qual escorregava um peixe, estranhamente vestido com calça e paletó.

Parece, assim, imiscuir-se na lembrança do texto lido uma outra sorte de recordação que envolve as páginas. O quarto, o contato dos lençóis brancos, a presença e o cheiro do calor materno, o gosto de um Nhá Benta – a textura macia

do *marshmallow*, lentamente soerguido pela ponta da língua – acompanhando, de quando em vez, a leitura das *Reinações*. A frase de Proust (1991) – “o que as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dos dias em que as fizemos” (p. 24) – adquire, assim, uma ressonância.

A cena impregnada na memória teve algumas repercussões. Uma delas, mais recente (embora ainda em sala de aula e diante de outra leitora): a compreensão de que toda leitura implica um ato de tradução, como bem já notara Lobato. E, como tal, um movimento em direção a. *Trādūcō*, isto é, fazer passar de um lado a outro, atravessar (daí o alemão *übersetzen*). Se é assim, ler significa, por extensão, trans-formação (LARROSA, 1996). Transformação minha e do texto que leio (as aventuras no *Sítio* metamorfoseando-me enquanto devorava suas palavras). À medida que meus olhos correm pelas palavras, atribuo-lhes um som e o sempre redobrado desejo de lhes dar sentido. Aproximação desejan-te (posto que sempre incompleta) e amorosa de um outro texto, alheio e diferente ao texto que carrego em mim. Assim, as palavras vão significando na mesma proporção que lhes atravessa meu olhar. Como no jogo de sedução ninguém sai imune, também as palavras me percorrem e me recriam. A cada leitura – contato simultaneamente solitário e solidário – me reinvento, a partir de uma alteridade que convida a experimentar a passagem, esta travessia até a outra margem.

Rememorando aquelas primeiras experiências de leitura que me (trans)formaram, penso que não eram fortuitos os jogos fantasiosos em que o *Sítio* passava a habitar o espaço do meu quarto. Atravessando, como o Pequeno Polegar foragido, a fronteira demarcada pela porteira, eles vinham, os habitantes do sítio, partilhar das aventuras que eu nos criava. Para Narizinho, Emília, Pedrinho, uma infinidade de novas leituras, e, para mim, a possibilidade de me recriar.

Talvez resida apenas aí a importância da leitura: a promessa de nos reinventarmos a cada página aberta.

Referências

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. 2. ed. Barcelona: Laertes, 1996.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

POR QUÉ LEER LITERATURA ES IMPORTANTE

Sylvia Maria Trusen

Era buena la manera cómo leía D. Benta. Leía diferentemente de los libros. Como casi todos los libros para niños que existen en Brasil son muy pesados, llenos de términos de los tiempos de Maricastaña o utilizados sólo en Portugal, la buena señora leía traduciendo aquel portugués de fallecido en la lengua del Brasil de hoy

(LOBATO, 1967, p. 191).

Empiezo, por lo tanto, recordando una experiencia de lectura: Doña Benta, el pelo blanco prendido en un moño, delante de tres criaturas - una de ellas con una cinta grande en la cabeza. Apoyando su barbilla en el puño, tenía sus ojos fijos en el libro que la vieja sostenía. De ella, debía venir la voz. Como la que me deshilaba la historia retirada de aquellas páginas recubiertas de características enigmáticas. Ante mí, la boca murmurando las palabras, que todavía ocupaban la noche de la habitación. Y la tapa del libro: una enorme cara de niña, de la cual resbalaba un pez, que, extrañamente, llevaba unos pantalones y chaqueta.

Parece, así, inmiscuirse a la memoria del texto leído un otro tipo de recuerdo que involucra las páginas. La habitación, el

contacto de las sábanas blancas, la presencia y el olor del calor materno, el sabor de una Nhá Benta – la suave textura del marshmallow, lentamente levantado por la punta de la lengua – acompañando, de vez en cuando, la lectura de las *Reinações*. La frase de Proust (1991) – “lo que las lecturas de la infancia dejan en nosotros es la imagen de los lugares y días en que las hicimos” (p. 24) – adquiere así una resonancia.

La escena impregnada en la memoria tuvo algunas repercusiones. Una de ellas más reciente (aunque todavía en sala de clase y ante otra lectora): la comprensión de que toda lectura implica un acto de traducción, como ya había señalado Lobato. Y, como tal, un movimiento hacia a. *Traducō*, es decir, hacer pasar de un lado a otro, cruzar (de ahí el alemán *übersetzen*). Si es así, leer significa, por extensión, trans-formación (LARROSA, 1996). Transformación mía y del texto que leo (las aventuras en el *Sítio* metamorfoseándome mientras yo devoraba sus palabras). A medida que mis ojos pasean por las palabras, atribuyo a ellas un sonido y el siempre redoblado deseo de darles sentido. Aproximación deseante (ya que siempre incompleta) y amorosa de un otro texto, ajeno y diferente del texto que llevo conmigo. Por lo tanto, las palabras significan en la misma proporción que las cruza mi contemplación. Como en un juego de seducción nadie sale inmune, también las palabras me recurren y me recrean. A cada lectura – contacto simultáneamente solitario y solidario – me reinvento, a partir de una alteridad que invita a experimentar el pasaje, este cruce a la otra orilla.

Recordando aquellas primeras experiencias de lectura que me (trans)formaron, pienso que no eran los fortuitos juegos fantasiosos en que el *Sítio* empezaba a habitar el espacio de mi habitación. Cruzando como el Pequeño Pulgar fugitivo, la frontera delimitada por la puerta, venían, los habitantes del lugar, a compartir las aventuras que yo creaba para nosotros.

Para Narizinho, Emilia, Pedrinho, un montón de nuevas lecturas, y para mí la posibilidad de recrearme. Tal vez resida solamente en ello la importancia de la lectura: la promesa de reinventarnos a cada página abierta.

Referencias

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. 2. ed. Barcelona: Laertes, 1996.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

LITERATURA E TECNOLOGIA POR QUE NÃO LER SE EU POSSO LER?

Sueda Silva Toscano

O desenvolvimento tecnológico exige um leitor competente, que, diante de um texto escrito, seja um leitor proficiente, isto é, que tenha autonomia bastante para realizar operações que perpassam desde a decodificação da mensagem, no aspecto literal ao estabelecimento de relações estruturais, contextuais que ampliam a significação do texto, apropriando-se da mensagem, do significado, traçando uma multiplicidade de relações entre texto/leitor, entre texto/textos e entre texto/mundo.

A tecnologia propicia uma comunicação caracterizada pela circulação social de uma grande diversidade de informações, que exige do leitor a capacidade de ler e interpretar textos em múltiplas linguagens. Isso faz com que o leitor desenvolva uma comunicação rápida, com profusão de palavras e imagens, de linguagens sintéticas, articulando formas novas de mensagens.

Essa transformação na comunicação permite que o leitor tenha domínio de diferentes linguagens, mas, concomitante a esse avanço na comunicação, percebo que o livro impresso está sendo relegado a segundo plano pelos jovens conectados.

A leitura literária é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo interior e exterior.

Mesmo que programas sofisticados da informática tenham ampliado a leitura e a escrita, a literatura guarda em seus escritos grande conhecimento acumulado, pois é na linguagem verbal escrita que se encontram registros dos avanços da humanidade.

O prazer de ler um bom livro é uma sensação incomparável, é como rodar pião: basta ter espaço, o momento adequado, a concentração para se transformar tudo em lúdico, em gozo. É imprescindível ensinar as crianças e os jovens leitores a rodarem pião, e que os responsáveis pela educação e pela dinamização da leitura transformem esse ato em diversão. Sartre já dizia: “O objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para o fazer aparecer, é preciso um ato concreto, que se chama leitura, e ele dura o tempo que esta leitura durar. Fora disso só existem traços pretos sobre o papel.”

É evidente que no seio das escolas a indiferença e a falta de conscientização ainda perduram. Esse é um fator preocupante, uma vez que a leitura leva o sujeito leitor a desenvolver etapas em sua vida, como ouvir, expressar-se ideologicamente, julgar e opinar. Torna-se um ser participativo, um cidadão interativo com seu contexto histórico e social.

Portanto, desenvolver o hábito de leitura implica criar intimidade com a literatura; descobrir outros mundos, outras leituras que dialogam com a sua leitura, é desejar apoderar-se da cultura da história guardada pela escrita num livro qualquer.

Então, por que não ler? Ler nos dias de chuva, ler quando o tédio tomar conta da existência, ler num dia de sol, ler na praia. Em qualquer momento, ler, apoderar-se de um bom romance, uma boa crônica, um conto. Assim, bom tempo houve em que o romance era coisa de aviar com receita à vista, qual faz o honesto boticário com seus xaropes. Quer trabuco

histórico? Tome tanto de Herculano, tanto de Walter Scott, um pajem, um escudeiro e o que baste de Briolanjas, Urracas e Guterres. Quer indianismo? Ponha duas arrobas de Alencar, uns laivos de Fenimore Cooper, pitadas de Chateaubriand, graúnas *quantum satis*, misture e mande. E eu digo: desejas coisa melhor? Certamente não há.

Se posso ler, entregar-me-ei ao prazer de ler, de me informar, de me deixar levar pela fantasia e pela imaginação. Qualquer atividade que leve ao hábito da leitura é um investimento para o crescimento intelectual, para a melhoria da qualidade de vida e satisfação pessoal. Então, por que não ler?

LITERATURA Y TECNOLOGÍA ¿ POR QUÉ NO LEER SI PUEDO LEER ?

Sueda Silva Toscano

El desarrollo tecnológico exige un lector competente, que, delante de un texto escrito, sea un lector proficiente, es decir, que tenga una autonomía suficiente para realizar operaciones que pasan desde la decodificación del mensaje en el aspecto literal al establecimiento de relaciones estructurales, contextuales que amplían la significación del texto, apropiándose del mensaje, del significado, delineando una multiplicidad de relaciones entre texto/lector, entre texto/textos y entre texto/mundo.

La tecnología propicia una comunicación caracterizada por la circulación social de una gran diversidad de informaciones, que exige del lector la capacidad de leer e interpretar textos en lenguajes múltiples, lo que le permite al lector desarrollar una comunicación rápida, con profusión de palabras e imágenes, de lenguajes sintéticos, articulando nuevas formas de mensajes.

Esa transformación en la comunicación permite que el lector tenga dominio de diferentes lenguajes, pero, concomitante a ese avance en la comunicación, observo que el libro impreso está siendo relegado a segundo plano por los jóvenes conectados.

La lectura literaria es un instrumento valioso para la apropiación de conocimientos relativos al mundo interior y

exterior. Aunque los programas sofisticados de informática han ampliado la lectura y la escritura, la literatura guarda en sus escritos gran conocimiento acumulado, pues es en el lenguaje verbal escrito que se encuentran registros de los avances de la humanidad.

El placer de leer un buen libro es una sensación incomparable, es como girar peonza, basta tener espacio, el momento adecuado, la concentración para transformarse todo en lúdico, en gozo. Es imprescindible que se enseñe a los niños y a los jóvenes lectores a girar la peonza, y que los responsables por la educación y por la dinamización de la lectura transformen ese acto en diversión. Sartre ya decía: “El objeto literario es un trompo raro que sólo existe en movimiento. Para que surja, hace falta un acto concreto que se denomina lectura y, por otro lado, sólo dura lo que dura la lectura. Fuera de eso, no hay más que trazos negros sobre el papel”.

Es evidente que en el seno de las escuelas la indiferencia y la falta de concientización perduran todavía, eso es un factor preocupante, una vez que, la lectura lleva al sujeto lector a desarrollar etapas en su vida como oír, expresarse ideológicamente, juzgar y opinar. Se vuelve un ser participativo, un ciudadano interactivo con su contexto histórico y social.

Por lo tanto, desarrollar el hábito de lectura implica crear intimidad con la literatura; descubrir otros mundos, otras lecturas que dialogan con su lectura, es desear apoderarse de la cultura de la historia guardada por la escritura en un libro cualquiera.

Entonces, ¿por qué no leer? Leer en los días de lluvia, leer cuando el aburrimiento domina de la existencia, leer en un día de sol, leer en la playa. En cualquier momento leer, apoderarse de una buena novela, de una buena crónica, de un cuento. Así, buen tiempo hubo en que la novela era cosa de aviar

con receta a la vista, cual hace el honesto boticario con sus jarabes. ¿Quiere trabuco histórico? Tome tanto de Herculano, tanto de Walter Scott, un paje, un escudero y lo que baste de Briolanjas, Urracas y Guterres, ¿Quiere indianismo? Ponga dos arrobas de Alencar, unos trazos de Fenimore Cooper, pizcas de Chateaubriand, *gráúnas quantum satis*, mézclelo y échelo. Y digo: ¿desea cosa mejor? Con seguridad no la hay.

Si puedo leer, me entregaré al placer de leer, de informarme, de dejarme llevar por la fantasía y por la imaginación. Cualquier actividad que lleve al hábito de la lectura es una inversión para el crecimiento intelectual, para la mejoría de la calidad de vida y satisfacción personal. Entonces, ¿Por qué no leer?

VIVENDO E REESCREVENDO

Thatty de Aguiar Castello Branco

Seria exagero dizer que a experiência de vida e de arte de nosso tempo é sobretudo marcada pela visualidade? Há, por exemplo, um consenso – talvez um mito estatístico – de que em quase todos os lares brasileiros, mesmo os mais miseráveis, há algum aparelho de TV. Generalizações à parte, não há como negar a onipresença e o alcance da televisão, veículo duplamente calcado na visualidade: se, por um lado, é meio de comunicação audiovisual, por outro, grande parte dos conteúdos que transmite cria verdadeiros paradigmas de valores visuais que atingem um número maciço de pessoas das mais originalmente diversas realidades geográficas, culturais, econômicas e étnicas, tornando quase uniformes suas percepções sobre o belo, suas opiniões, preconceitos e desejos de consumo. É neste sentido que se estreita a relação entre a televisão e a criação, fora da tela, na “vida real”, de identidades e subjetividades segundo imagens clichêizadas, de mundos onde a aparência se sobrepõe à essência, e o parecer e ter se sobrepõem ao ser.

O que apontamos até aqui diz respeito a uma audiência cuja percepção crítica do que é veiculado se encontra, infelizmente, atrofiada. Considerando-se, com justiça, que

a televisão é também um meio utilíssimo para a produção e transmissão de cultura, educação e informação, não se trata de negar seu potencial positivo, mas de reconhecer seu papel na cristalização de uma civilização cada vez mais circunscrita por valores visuais.

No caso dos grandes centros urbanos, a questão é ainda mais complexa. O bombardeio de cultura audiovisual não nos atinge apenas através da TV, mas também pela poluição visual urbana, pela publicidade e pelo cinema – o qual se tornou gradativamente “doméstico”, primeiro pelo VHS, depois pelo DVD, agora pelos filmes “baixados” na Internet, e, aliás, vem se tornando também “portátil”: o cinema de bolso que carregamos nos “mp4s”. Não por acaso, a telefonia celular também foi se tornando veículo de produção visual portátil, e hoje temos celulares com captura de imagem (fotos e vídeos digitais) e recursos para sua transmissão.

Vivemos, enfim, num turbilhão de imagens dadas, prontas para o recorte instantâneo através de telefones e câmeras digitais. Nossa Língua (sempre ela!) dá testemunho desta “revolução do mundo da imagem” quando surgem novas gírias: para sobreviver hoje é preciso “sair bem na foto” e “ficar bem na fita”.

A Literatura, assim como outras formas de arte, é historicamente anterior aos meios audiovisuais e constrói-se pela materialidade do texto, seu sentido e entrelinhas, não fornecendo objetos visuais prontos e instantâneos ao leitor, mas convidando-o a criá-los e deles fruir pelo prazer do texto. O leitor transcende do passivo papel de receptor visual de imagens para aquele que as cria, segundo seu repertório cultural, impressões e memórias que lhe despertam o texto – a literatura ultrapassa o sentido de imagem e chega à imaginação: a ação de criar imagem. Isto não quer dizer

que obras audiovisuais não nos permitam transformá-las ou recriá-las com nossa recepção, mas os limites impostos pelo que é biológica e factualmente capturado e processado pelos sentidos da visão e audição são inegáveis. O texto literário tem, sim, contornos que também representam limites de interpretação, colocados, por exemplo, pelo enredo e pelo léxico, mas sempre haverá entrelinhas, fissuras e espaços potentes de criação e recriação a serem preenchidos por cada leitor, em cada leitura única e singular.

A familiaridade com o poder de imaginar, desenhar e colorir com as próprias tintas mundos e personagens apenas sugeridos pelo texto permite ao leitor ocupar com mais frequência o papel de sujeito, aquele que realiza as ações e transforma os objetos. Exercitando-se como sujeito em sua vida psíquica, familiar, profissional e social, o indivíduo se torna capaz de se relacionar de forma crítica com o mundo que o cerca e de atuar para (re)construí-lo. O conceito de sujeito, aliás, guarda tanto o sentido de agente (do conhecimento, da ação) quanto o de submissão (sujeito a): nunca deixaremos de ser também, é claro, objeto de nossas experiências. Mas a posse crítica da linguagem é libertadora, porque através dela transitamos de forma mais consciente do lugar de objeto (aquilo de que se fala) para sujeito (aquele que fala). A literatura dá voz ao sujeito ao convidá-lo sempre a reescrever o texto lido, criando uma (re)escritura de autoria do sujeito-leitor-escritor. Nesta dinâmica, texto e leitor se reconstróem mutuamente e o leitor nunca deixa de ser também objeto dos efeitos do texto, sujeito a eles, portanto.

A experiência humana está organizada e mediada pela linguagem: é só na e pela linguagem que ela se dá. Cada um de nós é também “construído” pela linguagem: somos também discurso. Como arte feita especificamente de palavras, a literatura permite ainda ao leitor o desenvolvimento das

potencialidades de uma Língua, a percepção dos sentidos de cada um de seus elementos e de suas transformações em diferentes contextos, a intimidade com suas estruturas sintáticas e gramaticais e, portanto, com sua lógica. Tudo isto não para simplesmente “falar bonito” ou “escrever bem” – objetivos que podem perigosamente levá-lo de volta à valorização das aparências vazias –, mas para perceber melhor seu entorno e a própria aventura de viver.

Podemos aprender com a Literatura a ler nosso estar no mundo em suas entrelinhas e reticências, em seus enunciados e silêncios: em suas possibilidades de resignificação e reescritura.

VIVIENDO Y REESCRIBIENDO

Thatty de Aguiar Castello Branco

¿Sería exageración decir que la experiencia de la vida y del arte de nuestro tiempo es sobre todo marcada por la visualidad? Hay, por ejemplo, un consenso – tal vez un mito estadístico – de que en casi todos los hogares brasileños, aun los más miserables, hay algún aparato de TV. Generalizaciones aparte, no hay cómo negar la omnipresencia y el alcance de la televisión, vehículo doblemente calcado en la visualidad: si, por un lado, es medio de comunicación audiovisual, por otro, gran parte de los contenidos que transmite crea verdaderos paradigmas de valores visuales que alcanzan un número macizo de personas de las más originalmente diversas realidades geográficas, culturales, económicas y étnicas, haciendo casi uniformes sus percepciones sobre lo bello, sus opiniones, prejuicios y deseos de consumo. Es en ese sentido que se estrecha la relación entre la televisión y la creación, fuera de la pantalla, en la “vida real”, de identidades y subjetividades según imágenes cliché, de mundos donde la apariencia se sobrepone a la esencia, y el parecer y tener se sobreponen al ser.

Lo que apuntamos hasta aquí habla de una audiencia cuya percepción crítica de lo que es vehiculado se encuentra, infelizmente, atrofiada. Considerándose, con justicia, que la

televisión es también un medio utilísimo para la producción y transmisión de cultura, educación e información, no se trata de negar su potencial positivo, sino de reconocer su papel en la cristalización de una civilización cada vez más circunscrita por valores visuales.

En los grandes centros urbanos, la cuestión es todavía más compleja. El bombardeo de cultura audiovisual no nos alcanza solamente a través de la TV, sino por la contaminación visual urbana, por la publicidad y por el cine – que se volvió gradualmente “doméstico”, primero por el VHS, después por el DVD, ahora por las películas ‘bajadas’ de la Internet y, dicho sea de paso, se vienen volviendo también “portátiles”: el cine de bolsillo que llevamos en los “mp4s”. No por casualidad, la telefonía móvil también se fue haciendo vehículo de producción visual portátil, y hoy tenemos móviles con captura de imágenes (fotos y vídeos digitales) y recursos para su transmisión.

Vivimos, en fin, en un torbellino de imágenes dadas, listas para el recorte instantáneo a través de teléfonos y cámaras digitales. Nuestra Lengua (¡siempre la lengua!) da testimonio de esta “revolución del mundo de la imagen” cuando surgen nuevas jergas: para sobrevivir hoy es necesario “salir bien en la foto”.

La Literatura, como otras formas de arte, es históricamente anterior a los medios audiovisuales, y se construye por la materialidad del texto, su sentido y entrelineas, no facilitando objetos visuales listos e instantáneos al lector, sino invitándolo a crearlos y de ellos fruir por el placer del texto. El lector trasciende del pasivo papel de receptor visual de imágenes para aquél que las crea, según su repertorio cultural, impresiones y memorias que le despierta el texto – la literatura ultrapasa el sentido de la imagen y llega a la imaginación:

la acción de crear imagen. Eso no quiere decir que obras audiovisuales no nos permitan transformarlas o recrearlas con nuestra recepción, pero los límites impuestos por lo que es biológica y factualmente capturado y procesado por los sentidos de la visión y audición son innegables. El texto literario tiene, realmente, contornos que también representan límites de interpretación, puestos, por ejemplo, por el enredo y por el léxico, pero siempre habrá entrelíneas, fisuras y espacios potentes de creación y recreación que serán rellenados por el lector, en cada lectura única y singular.

La familiaridad con el poder de imaginar, dibujar y colorir con las propias tintas, mundos y personajes sólo sugeridos por el texto permite que el lector ocupe con más frecuencia el papel de sujeto, aquél que realiza las acciones y transforma los objetos. Ejercitándose como sujeto en su vida psíquica, familiar, profesional y social, el individuo se hace capaz de relacionarse de forma crítica con el mundo que lo rodea y de actuar para (re)construirlo. El concepto de sujeto, dicho sea de paso, guarda tanto el sentido de agente (del conocimiento, de la acción) como el de sumisión (sujeto a): nunca dejaremos de ser también, por supuesto, objeto de nuestras experiencias. Pero la posesión crítica del lenguaje es libertadora porque a través de ella transitamos de forma más consciente entre el lugar de objeto (aquello de que se habla) para sujeto (aquél que habla). La literatura da voz al sujeto al invitarlo siempre a reescribir el texto leído, creando una (re)escritura de autoría del sujeto-lector-escritor. En esta dinámica, texto y lector se reconstruyen mutuamente y el lector nunca deja de ser también objeto de los efectos del texto, sujeto a ellos, por lo tanto.

La experiencia humana está organizada y mediada por el lenguaje: sólo se realiza en el lenguaje y por el lenguaje. Cada uno de nosotros es también “construido” por el lenguaje: somos también discurso. Como arte hecho específicamente de

palabras, la literatura permite aun al lector el desarrollo de las potencialidades de una Lengua, la percepción de los sentidos de cada uno de sus elementos y de sus transformaciones en diferentes contextos, la intimidad con sus estructuras sintácticas y gramaticales y, por lo tanto, con su lógica. Todo ello no se hace para “hablar bonito” o “escribir bien” simplemente— objetivos que pueden peligrosamente llevarlo de vuelta a la valorización de las apariencias vacías — sino para percibir mejor su entorno y la propia aventura de vivir.

Podemos aprender con la Literatura a leer nuestro estar en el mundo en sus entrelíneas y puntos suspensivos, en sus enunciados y silencios: en sus posibilidades de resignificación y reescritura.

POR QUE LER LITERATURA É IMPORTANTE?

Valéria Pereira

“Há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar...”

A afirmação tomada de empréstimo para figurar como epígrafe deste texto pode ser encontrada no livro de Ítalo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio*, e não foi escolhida depois de muita reflexão e procura por algo que atendesse ao tema em questão. Ao contrário, esta frase do citado autor, desde uma primeira vez lida, impregnou-se de tal forma no mundo das nossas idéias, que, imediatamente, saltou diante da proposta de escrita para o texto que se inicia. Relembrar o pensamento do autor é, para nós, relevante, ao verificarmos a nítida contribuição a ser revelada para o assunto. Assim, temos como intenção, neste momento, prosseguir, retirando dela – e de outras, que a ela possam se associar por afinidade semântica – elementos cujas (in)substâncias consigam fornecer caminhos para cada leitor pensar “por que ler literatura é importante”.

Assim, podemos pensar primeiro no apaixonante pensamento de Calvino, quando, em suas conferências, destaca elementos dos usos da linguagem que, segundo ele, somente poderão ser encontrados ao entrarmos no campo da literatura: a rapidez, a

leveza, a exatidão, a pluralidade, a visibilidade, a multiplicidade e a última, que, como sabemos, não chegou a ser escrita. Dito isso, para nós o mais interessante é a constatação de que pensar nos elementos mencionados nos obriga a fazer um vasto percurso pelas redes e malhas dos textos literários, vislumbrando uma infinitude, em diferentes tempos, espaços e gêneros neles produzidos. Portanto pensar tais elementos leva-nos ao encontro dessas qualidades presentes de fato apenas nos textos literários e leva-nos também à última das características, sobre a qual Calvino não chegou a escrever: a consistência, sua sexta proposta.

É importante mencionar que, certamente, o autor a construiria sobre a superfície de um paradoxo, como fez com as outras cinco e, se, construindo-as, ele não desprezou suas outras faces, leveza/peso, rapidez/lentidão, visibilidade/obscuridade, exatidão/pluralidade, multiplicidade/univocidade, também a consistência iria se apresentar como um dos lados da fluidez (esta reconhecida aqui como algo muito distante da efemeridade chapada na superfície do imediatismo). Este é um ponto crucial para nós, porque vemos ser a literatura um destes gêneros em que residem e resistem tais aspectos, burlando noções opositivas e/ou excludentes, pois é o único gênero que suporta repousar sobre a superfície dos paradoxos. A linguagem mesma tão fluida, tão efêmera, cuja crise instaurada nestes nossos tempos se tornou assunto amplamente explorado no campo dos estudos linguísticos, tem garantida sua (in)quietude no texto literário. Tal referência pretende nos encaminhar às inúmeras possibilidades de leituras que encontramos diante desta afirmação: de imediato somos reportados ao universo de Homero, de Virgílio, de Dante, de Shakespeare, de Cervantes; ao universo de Perrault, de Andersen, dos Grimm e seus contos de fadas; ao de Kafka, de Borges, de Machado e Clarice, aos poemas, às narrativas

longas ou curtas. É no comportamento invejoso da madrasta malvada em *Branca de Neve* que encontramos a essência da personalidade de pessoas envolvidas em conflitos pessoais; é na omissão do pai de Cinderela, que sai para “viajar”, enquanto tudo acontece, que encontramos a essência da personalidade de nosso presidente da república, mostrando-se sempre alheio a questões de fundamental importância para o nosso país. Por causa desta omissão, todos somos capazes de intertextualizar a frase “eu não sabia de nada”.

Esta consistência presente nos textos literários, porque dotada de essência, é o que nos permite também dialogar com o crítico literário Harold Bloom, que aponta em seu livro *Onde encontrar a sabedoria* a leitura de textos literários como uma significativa contribuição à tentativa de entendimento acerca da existência humana. Mas quem não acredita na literatura pode permitir que se busquem respostas nos livros de autoajuda, mais imediatistas e mais superficiais, falhos em apresentar consistência, efêmeros como a mais medíocre vida humana sobre a Terra, curvada à angústia da incompreensão e da ignorância sobre o sentido de existir.

Ademais, um último ponto merece consideração: a arte em forma de linguagem, propiciadora de prazer em fonte inesgotável, somente pode ser experienciada e provada num texto de literatura, em nenhum outro há tal deleite. Sabemos que existem aqueles que não compactuam de tal crença, porém, afirmamos: se, dos textos de literatura lidos, nenhum proporcionou prazer ou algo que o valha, é porque a parte da literatura conhecida e lida ainda não foi aquela capaz de tocar o seu leitor. E mais, falamos em consistência, essência, prazer, sabedoria e uma ponte para pensar o entorno, por isso deixo ao leitor a pergunta: qual a contribuição destes aspectos para a educação? Retomo, então, nossa epígrafe, reiterando, com Calvino, que, de fato, “há coisas que só a

literatura com seus meios específicos pode nos dar”. São muitas as possibilidades, cada um de nós precisa experienciar, conhecer textos literários e encontrá-las.

Referências

BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 2. ed. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

¿POR QUÉ LEER LITERATURA ES IMPORTANTE?

Valéria Pereira

*“Hay cosas que sólo la literatura con
sus medios específicos puede darnos...”*

La declaración tomada de préstamo para figurar como epígrafe de este texto puede consultarse en el libro de Italo Calvino, *Seis propuestas para el próximo milenio*, y no fue elegida después de mucha reflexión y búsqueda por algo que atendiera al tema en cuestión. Al contrario, esa frase del autor desde que la leí por primera vez, se pegó de tal manera al mundo de nuestras ideas, que inmediatamente saltó ante la propuesta de escrita para el texto que se inicia. Recordar el pensamiento del autor es, para nosotros, relevante, al verificarse la contribución especial para el tema. Así, pensamos, en este momento, seguir tomando de esa declaración, y de otras que puedan a ella asociarse por afinidad semántica- elementos cuyas (in)sustancias consigan fornecer caminos para que cada lector piense “por qué leer literatura es importante”.

De esa manera, podemos pensar primero en el apasionante pensamiento de Calvino, cuando, en sus conferencias, pone

de relieve los elementos de los usos del lenguaje que, según el autor, sólo se puede encontrar al entrar en el campo de la literatura: la rapidez, la ligereza, la precisión, la pluralidad, la visibilidad, la multiplicidad y la última, que, cómo sabemos, nunca fue escrita. Dicho eso, para nosotros lo más interesante es la constatación de que pensar los elementos mencionados nos obliga a hacer extenso recorrido por las redes y las mallas de los textos literarios, vislumbrando ya una infinidad, en diferentes momentos, lugares y géneros producidos en ellos. Por lo tanto, pensar tales elementos nos lleva al encuentro de esas cualidades presentes, de hecho, sólo en los textos literarios y nos lleva, también, a la última de las características sobre cuya conferencia Calvino no llegó a escribir: la consistencia, su sexta propuesta.

Es importante mencionar que, seguramente, el autor la construiría sobre la superficie de una paradoja, como lo hizo con los otros cinco y si, construyéndolas no despreció sus otros aspectos, ligereza/peso, velocidad/lentitud, exactitud/pluralidad, visibilidad/oscuridad, multiplicidad/univocidad, también la consistencia se presentaría como uno de los lados de la fluidez (reconocida aquí como algo muy lejano de lo efímero acuñado en la superficie de la fugacidad de lo inmediato). Este es un punto crucial para nosotros, porque vemos ser la literatura uno de estos géneros en el que residen y resisten tales aspectos, burlándose de las nociones, opuestas y/o excluyentes pues es el único género que soporta reposar sobre la superficie de las paradojas. El mismo lenguaje tan fluido, tan efímero, cuya crisis instaurada en nuestros tiempos se ha convertido en el tema ampliamente explorado en el ámbito de los estudios lingüísticos, tiene garantizada su in(quietud) en texto literario.

Tal referencia tiene por objeto llevarnos a las muchas posibilidades de lectura que encontramos ante esa afirmación:

de inmediato somos reportados al universo de Homero, de Virgilio, de Dante, de Shakespeare, de Cervantes, al universo de Perrault, Andersen, al de los Grimm y sus cuentos de hadas, al de Kafka, de Borges, de Machado y de Clarice, a los poemas, a las narrativas cortas o largas. Es en el comportamiento envidioso de la madrastra mala en Blancanieves que se encuentra la esencia de la personalidad de las personas involucradas en los conflictos personales, es en la omisión del padre de la Cenicienta, que sale a “viajar”, mientras todo pasa que encontramos la esencia de la personalidad de nuestro presidente de la república, mostrándose siempre al margen de cuestiones de importancia fundamental para nuestro país. A causa de esta omisión, todos somos capaces de intertextualizar la frase “yo no sabía nada.”

Esa consistencia presente en los textos literarios, porque está dotada de esencia, es lo que nos permite también el diálogo con el crítico literario Harold Bloom, quien señala en su libro *Dónde encontrar la sabiduría* la lectura de textos literarios como una contribución significativa al intento de entendimiento sobre la existencia humana. Pero, quien no cree en la literatura puede permitir una búsqueda de respuestas en los libros de autoayuda, más inmediatista y más superficial, no consistente, efímero como la vida humana más mediocre en la tierra, inclinada ante la angustia de la incomprensión y la ignorancia sobre el sentido de existir. Además, un último punto merece una consideración: el arte en forma de lenguaje, proveedor de placer en fuente inagotable, sólo puede ser experimentado y probado en un texto de la literatura, en ningún otro hay semejante fruición.

Sabemos que hay quienes no toleran tales creencias, sin embargo, afirmamos: si de los textos de literatura leídos, ninguno ha proporcionado placer o algo por el estilo, es porque de la literatura conocida y leída no ha sido todavía

aquella capaz de conmover a su lector. Y más, hablamos de consistencia, de esencia, de placer, de sabiduría, y de un puente para pensar el entorno, así que dejo al lector la pregunta: ¿cuál es la contribución de estos aspectos para la educación? Retomo, pues, nuestro epígrafe, reiterando con Calvino, que, de hecho, “hay cosas que sólo la literatura con sus medios específicos nos puede dar”; son muchas las posibilidades, cada uno de nosotros necesita experimentar, conocer los textos literarios y encontrarlas.

Referencias

BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 2. ed. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

EIS: MIL PERSONAGENS À PROCURA DE UM LEITOR

Wilberth Salgueiro

Riobaldo, de repente, feito um susto que se tem, descobre que gosta demais do amigo Reinaldo, digo, Diadorim. Fica, é compreensível, chocado com isso, pois “dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos bríos e armas?”. Não pode. Mas pôde: quando vê o corpo nu, já morto, do amigo, diz, só diz: “Meu amor”. Aí, já era Deodorina. Paixão e morte: *Grande sertão: veredas*.

Emma Bovary queria ter uma vida diferente, emocionante, aventureira – feérica. Programaram para ela uma conduta: filha, esposa, obediente. O corpo domesticado. Rebelou-se: “Emma procurava saber o que se entendia exatamente, na vida, pelas palavras ‘felicidade’, ‘paixão’, ‘embriaguez’, que lhe haviam parecido tão belas nos livros”. O mundo, pouco. Suicidou-se para sempre: *Madame Bovary*.

Raskólnikov fez uma coisa terrível: matou, premeditadamente, uma pessoa – aliás, segundo ele mesmo, um ser desprezível, um vírus. E disso nos convence a tal ponto que a gente se esquece da velha agiota para seguir os pensamentos do jovem personagem e sua teoria: “o homem extraordinário

tem o direito, não oficialmente, de autorizar a própria consciência a transpor obstáculos, desde que se convença da necessidade da aplicação de uma idéia”. Num relance, somos cúmplices: *Crime e castigo*.

Capitu, coitada, dela o que se sabe é via Bentinho, que, seminarista e advogado, teve um amigo, Escobar, de “braços grossos e fortes”, que morreu afogado. Ezequiel entra na história e, por muito pouco, livra-se, criança, de um envenenamento, mas depois morre – praga de pai – em Jerusalém. A mãe, adúltera famigerada exilada na Suíça, vai ficando para a posteridade com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Mas os olhos vêm, aqui e sempre, do narrador de cada coisa. Não mais Bentinho: *Dom Casmurro*.

Gregor Samsa acorda um inseto monstruoso. Não “como se fora um”, mas “acorda um”. E pronto. Natural. Compreende-se. Mas, depois, quando a família – pai, mãe, irmã – começa a negá-lo, a desprezá-lo, ah, aí a gente não compreende. Este é o absurdo. Como as pessoas podem mudar tanto assim? Até ontem, ele, Gregor, prestava. Agora, peça improdutiva, deve ser descartado. A empregada, com a vassoura, o vê morto e tranquiliza a família: “não é preciso preocuparem-se com a maneira de se verem livres daquilo”. Grete, a filha, já está apta a substituí-lo: *A metamorfose*.

Macunaíma nasceu e ficou seis, seis!, anos sem falar. Quando abriu a boca, soltou um “ai que preguiça”, que alguém, pesquisando, pescou tratar-se (também) de um “aiguê”, que, em tupi, queria dizer... preguiça! Já manjamos tais artimanhas linguísticas. Sem nenhum caráter, o que ele faz – de bom e de mau – com a mãe, com os manos Maanape e Jiguê, com as amadas, consigo mesmo (“Eu menti... quis contar o que tinha sucedido pra gente e quando reparei estava mentindo”), é algo de “oh!” – tem mais não?: *Macunaíma*.

Eis que é só isso mesmo: o lance é ler com olhos de lince, ler sempre, ler ao léu, ler sem lemes, sem limas, ler lento, ler lendas, ler línguas, ler até ficar lelé, ficar com “L” de leitor, ficar com eles – estes realíssimos seres de papel.

HE AQUÍ: MIL PERSONAJES EN BUSCA DE UN LECTOR

Wilberth Salgueiro

Riobaldo, de repente, como en un susto, descubre que le gusta demasiado el amigo Reinaldo, es decir, Diadorim. Se pone, es natural, sobrecogido con ello, pues “dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas?”. No es posible. Pero fue posible: cuando ve el cuerpo desnudo, ya muerto, del amigo, dice, sólo dice: “Mi amor”. Entonces, ya era Deodorina. Pasión y muerte: *Grande sertão: veredas*.

Emma Bovary quería una vida diferente, emocionante, aventurera – feérica. Le programaron una conducta: hija, esposa, obediente. El cuerpo domesticado. Se rebeló: “Emma buscaba saber qué se entendía exactamente, en la vida, por las palabras ‘felicidad’, ‘pasión’, ‘embriaguez’, que tan hermosas le parecieron en las novelas”. El mundo poco. Se suicidó para siempre: *Madame Bovary*.

Raskólnikov hizo una cosa terrible: mató, premeditadamente, a una persona – dicho sea de paso, según él mismo, un ser despreciable, un virus. Y de ello nos convence a tal punto que uno se olvida de la vieja usurera para seguir los pensamientos del joven personaje y su teoría: “El hombre extraordinario

tiene el derecho, no oficialmente, de permitirle a su consciencia transponer obstáculos, en el caso de que lo necesite para la realización de una idea”.

En una ojeada, somos cómplices: *Crimen y castigo*.

Capitu, la desdichada, de ella lo que se sabe es por Bentinho, que, seminarista y abogado, tuvo un amigo, Escobar, de “brazos gruesos y fuertes”, que murió ahogado. Ezequiel entra en la historia y, por poco, se libra, cuando niño, de un envenenamiento, pero después muere – maldición de padre – en Jerusalén. La madre, adúltera famigerada exiliada en Suiza, se va quedando para siempre con “ojos de gitana oblicua y disimulada”. Pero los ojos vienen, aquí y siempre, del narrador de cada cosa. Ya no Bentinho: *Dom Casmurro*.

Gregor Samsa se despierta convertido en un insecto monstruoso. No “como se fuera uno”, sino “despierta convertido en uno”. Y ya está. Natural. Se comprende. Pero, después, cuando la familia – padre, madre, hermana – comienza a negarlo, a despreciarlo, ah, entonces uno no comprende. Esto es lo absurdo. ¿Cómo las personas pueden cambiar tanto? Hasta ayer, él, Gregor, era una persona de bien. Ahora, pieza improductiva, debe ser descartado. La sirvienta, con la escoba, lo ve muerto y tranquiliza a la familia: “no se preocupen en cómo se pueden librar de aquello”. Grete, la hija, ya está apta a sustituirlo: *La metamorfosis*.

Macunaíma nació y se quedó seis, ¡seis!, años sin hablar. Cuando abrió la boca, soltó un “ay que pereza”, que alguien, investigando, pescó tratarse (también) de un “aiguê”, que, en tupí, quería decir... pereza! Ya entendimos tales artimañas lingüísticas. Sin ningún principio, lo que hace – de bueno y de malo – con la madre, con los hermanos Maanape y Jiguê, con las amadas, consigo mismo (“Yo mentí... quise contar qué había acaecido con nosotros y

cuando me fijé estaba mintiendo”), es algo de “oh!” – ¿no hay más?: *Macunaíma*.

He aquí que sólo se trata de eso mismo: la onda es leer con ojos de lince, leer siempre, leer al descubierto, leer sin dirección, sin limas, leer lento, leer leyendas, leer lenguas, leer hasta ponerse lelo, quedar con “L” de lector, quedarse con ellos – estos realísimos seres de papel.



RELER&fazer – Rede de Experiências em Leitura

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

A RELer&fazer - Rede de Experiências em Leitura tem como fundamental objetivo contribuir com a sociedade na formação de leitores.

Objetivos Específicos:

- aproximar a universidade do cotidiano dos meios urbanos;
- despertar e estimular o interesse pela leitura;
- aproximar a universidade e a Escola Básica;
- proporcionar desafios aos estudantes no campo da leitura;
- formar recursos humanos com interesse em leitura.

CONJUNTO DE AÇÕES

Conjunto de Ações 1 – Práticas leitoras

Objetivo: oferecer condições aos indivíduos, pelo exercitamento de práticas leitoras, para que fortaleçam sua corresponsabilidade pelas ações levadas a efeito na e pela sociedade.

Conjunto de Ações 2 – Conversa com a leitura por meio da imprensa

Objetivo: provocar, por intermédio da imprensa falada e escrita, a compreensão da importância da leitura para o desenvolvimento e fortalecimento da corresponsabilidade na execução das ações levadas a efeito na e pela sociedade.

Conjunto de Ações 3 – Formação estendida de recursos humanos

Objetivo: estender aos diversos setores da sociedade o conhecimento de leitura em encontros e jornadas de trabalho de natureza sequenciada e recorrente.

Conjunto de Ações 4 – Formação estendida de recursos humanos na forma EAD

Objetivo: ampliar e aprofundar a formação de recursos humanos por meio do sistema EAD/Ufes e especialmente pela utilização das salas de conferência dos CREADS.

Conjunto de Ações 5 – Formação acadêmica de recursos humanos

Objetivo: aprofundar a formação de recursos humanos com a oferta de Curso de Especialização em Leitura.

Conjunto de Ações 6 – Organização de acervo de literatura

Objetivo: desenvolver campanha para organizar o acervo de literatura infantil e juvenil, a ser usado nos diversos espaços e ações.

Conjunto de Ações 7 – Academia da Leitura

Objetivo: estimular o interesse pela leitura dos alunos regularmente matriculados na rede de ensino fundamental e médio, na perspectiva de fortalecer, de forma estável, contínua e permanente, as iniciativas e as ações favoráveis à formação de uma sociedade leitora.

Conjunto de Ações 8 – Leitura e tradução

Objetivo: estimular o exercício da leitura, com uso de textos de um mesmo tema, escritos em língua portuguesa e em uma outra língua estrangeira, tanto na perspectiva de fortalecer o ensino-aprendizagem da primeira quanto na de estimular a aprendizagem de outra língua e o contato com uma nova cultura.

Conjunto de Ações 9 – Leitura e uso das TICs (tecnologias da informação e da comunicação)

Objetivo: favorecer o acesso aos textos eletrônicos no sentido de dar qualidade ao processo de navegação e escolha, leitura e compreensão dos textos.



RELER&fazer – Red de Experiencias en Lectura

OBJETIVOS

Objetivo General:

La RELER&fazer – Red de Experiencias en Lectura tiene el objetivo fundamental de contribuir con la sociedad en la formación de lectores.

Objetivos Específicos:

Aproximar la universidad a lo cotidiano de los medios urbanos;

- * despertar y estimular el interés por la lectura;
- * aproximar la universidad y la escuela básica;
- * proporcionar desafíos a los estudiantes en el campo de la lectura;
- * formar recursos humanos con el interés en la lectura.

CONJUNTO DE ACCIONES

Conjunto de Acciones 1 – Prácticas lectoras

Objetivo: ofrecer condiciones a las personas, por la ejercitación en las prácticas lectoras, para que fortalezcan su co-responsabilidad por las acciones llevadas a efecto en la sociedad y por la sociedad.

Conjunto de Acciones 2 – Plática con la lectura por medio de la prensa

Objetivo: provocar, por intermedio de la prensa hablada y escrita, la comprensión de la importancia de la lectura para el desarrollo y fortalecimiento de la co-responsabilidad en la ejecución de las acciones llevadas a cabo en la sociedad y por la sociedad.

Conjunto de Acciones 3 – Formación extendida de los recursos humanos

Objetivo: extender a los varios sectores de la sociedad el conocimiento de la lectura en encuentros y jornadas de trabajo de naturaleza secuenciada y recurrente.

Conjunto de Acciones 4 – Formación extendida de recursos humanos en la forma EAD

Objetivo: ampliar y profundizar la formación de recursos humanos por medio del sistema EAD/Ufes y especialmente por la utilización de las salas de conferencia de los CREADS.

Conjunto de Acciones 5 – Formación académica de recursos humanos

Objetivo: profundizar la formación de recursos humanos con la oferta de Curso de Especialización en Lectura.

Conjunto de Acciones 6 – Organización de acervo de lectura

Objetivo: desarrollar campañas para organizar el acervo de literatura infantil y juvenil, que será usado en los varios espacios y acciones

Conjunto de Acciones 7 - Academia de la Lectura

Objetivo: estimular el interés por la lectura de los alumnos regularmente matriculados en la red de enseñanza primaria y secundaria, en la perspectiva de fortalecer, de forma estable, continua y permanente, las iniciativas y las acciones favorables a la formación de una sociedad lectora.

Conjunto de Acciones 8 – Lectura y traducción

Objetivo: estimular el ejercicio de la lectura, con el uso de textos de un mismo tema, escritos en lengua portuguesa y en lengua extranjera, tanto en la perspectiva de fortalecer la enseñanza-aprendizaje de la primera como en la de estimular el aprendizaje de otra lengua y el contacto con una nueva cultura.

Conjunto de Acciones 9 – Lectura y uso de las TICs (tecnologías de la información y de la comunicación)

Objetivo: favorecer el acceso a los textos electrónicos en el sentido de dar calidad al proceso de navegación y selección, lectura y comprensión de los textos.

RELER&fazer – Red de Experiencias en Lectura

Coordinación:

Coordinación general: Santinho Ferreira de Souza – DLL/CCHN

Coordinación Adjunta: Aucione Das Dores Smarsaro – DLL/CCNH

Grupo Coordinador de la Implementación de la RELER&fazer:

Coordinador General: Santinho Ferreira de Souza – DLL/CCHN

Subcoordinación.....: Alzinete Maria Roccon Biancardi – DCI/CCJE

Subcoordinación.....: Júlio Francelino Ferreira Filho – DDPE/CE

Subcoordinación.....: Lucia Helena Maroto – SEDU-ES

Subcoordinación.....: Maria José Campos Rodrigues – DDPE/CE

RELER&fazer

“A passagem de uma obra para o domínio público pressupõe o fim dos direitos econômicos do autor sobre ela, mas não dos direitos morais, que são inextinguíveis.” Assim David de Ugarte se manifestou, em seu livro *O poder das redes*, publicado pela EDIPUCRS em 2008, e, nessa mesma linha de pensamento, a *RELER&fazer - Rede de Experiências em Leitura* e os organizadores deste Livro 1, “Por que é importante ler literatura” - “Por qué es importante leer literatura”, autorizam sua cópia, em qualquer formato ou meio, sendo obrigatório, no entanto, o registro da referência de autoria e publicação, conforme normas técnicas bibliográficas.

“El paso de una obra al dominio público presupone el fin de los derechos económicos del autor sobre dicha obra, pero no de los derechos morales, que son inextinguibles”. Así lo declaró David de Ugarte, en su libro *El poder de las redes*, publicado por EDIPUCRS en 2008, y, en esa misma línea de pensamiento, la *RELER&fazer - Red de Experiencias en Lectura* y los organizadores de este Libro 1, “Por que é importante ler literatura” - “Por qué es importante leer literatura”, autorizan su copia, en cualquier formato o medio; queda obligatorio, sin embargo, el registro de la referencia de autoría y publicación, conforme a las normas técnicas bibliográficas.

Implementación: agosto de 2007
Programa de Extensão - Proex/Ufes

Esta publicação foi composta utilizando-se
a família tipográfica Garamond.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a
fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

